

Ike no Brasil

Com Mêdo do Povo

e Muita Polícia

Estudantes:
Abaixo
a Opressão
Dos Trustes!

(LEIA NA PAGINA 12 A CARTA QUE OS PRESIDENTES DA UNE E UBES ENVIARAM AO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS)

ANO II — SEMANA DE 26 DE FEV. A 3 DE MARÇO DE 1960 — N.º 53

(NOTICIÁRIO NAS PÁGINAS 6, 10 E 12)

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

Por Trás do Sorriso Diplomático

MANTIDOS à distância do Presidente Eisenhower pelo mais espetacular aparato policial jamais montado em nosso país, os cidadãos brasileiros continuam sem resposta clara às suas indagações sobre o verdadeiro objetivo da visita do chefe de governo dos Estados Unidos.

SEGUNDO é próprio Eisenhower, a finalidade de sua viagem seria fortalecer a cambaleante aliança entre os Estados Unidos e a América Latina. Mas é estranho e constrangedor que uma visita supostamente amistosa seja precedida da ocupação insultuosa de nossa casa por um exército de agentes secretos do FBI. Não será isto manifestação da consciência de culpa que persegue as autoridades americanas e que revela — apesar de todo o verniz diplomático — a natureza espoliadora e opressora da política dos Estados Unidos no continente?

O povo do Brasil, hospitaleiro e cordial, gostaria de poder saudar no presidente norte-americano o estadista que apertou a mão de Kruschov no encontro de Camp David e assumiu, perante a humanidade, o compromisso histórico de trabalhar em favor da paz e do entendimento entre as nações. Todavia, as informações procedentes dos Estados Unidos sobre os motivos reais da presença de Eisenhower na América Latina só podem despertar entre nós sentimentos de protesto e indignação.

A principal finalidade da visita seria obter a concordância dos governos sul-americanos para a adoção de medidas que facilitem a projetada intervenção norte-americana em Cuba. Esta denúncia assume proporções da maior gravidade. Não pode ser considerada manobra de propaganda comunista, desde que foi veiculada em primeira mão, «conforme informações fidedignas», pelo «Correio da Manhã» e pela revista norte-americana «Visão». Não pode ser considerada sem fundamento, porque até agora não foi contestada. A denúncia é clara. O governo dos Estados Unidos julga ineficaz o mecanismo de não intervenção estabelecido pelo Tratado do Rio de Janeiro, que exige maioria de dois terços do conselho da Organização dos Estados Americanos para a aplicação de sanções unilaterais contra um dos membros. Washington quer um dispositivo que permita ação imediata, por maioria simples, ou mesmo unilateral. Quer uma arma jurídica que permita esmagar a revolução do povo cubano.

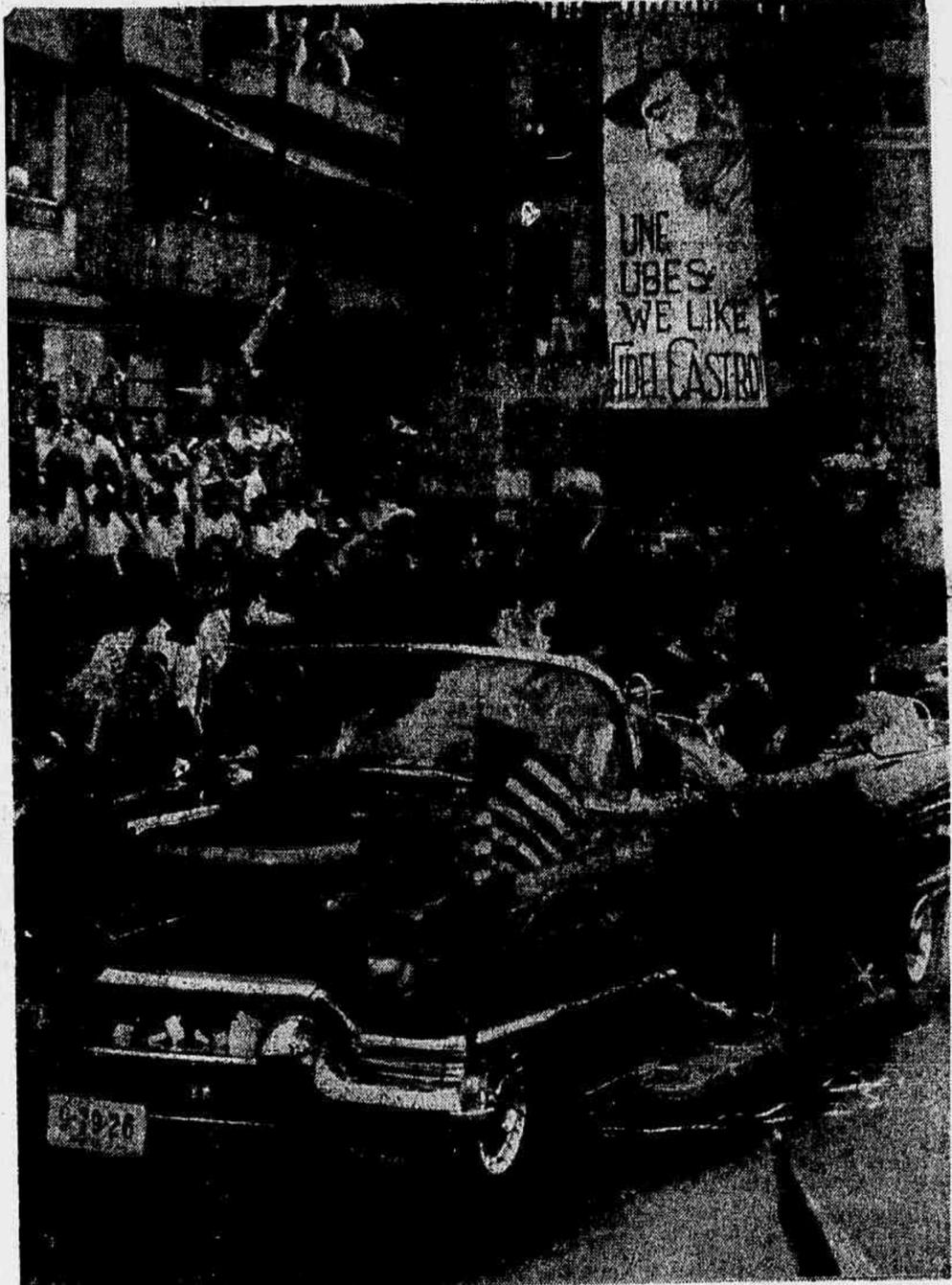
DE que valem, então, as apregoadas intenções amistosas do Presidente

Eisenhower na América Latina? Que sentido podem ter os decantados planos para recondicionar o pan-americanismo? Por trás do sorriso diplomático surge de relance a caçatonha feroz dos homens dos trustes. Por baixo das lúvas de pelica crispam-se as garras dos monopólios que saqueiam os países subdesenvolvidos. Hoje se voltam contra Cuba, como ontem se voltaram contra a Guatemala, como podem voltar-se amanhã contra o Brasil ou qualquer outro país latino-americano que ingresse no caminho revolucionário da libertação nacional e da reforma agrária.

APÓS sua viagem pela América Latina, o Presidente Eisenhower irá discutir os problemas da paz com os dirigentes soviéticos. Os corações de isolamento da polícia não devem impedir que o chefe do governo norte-americano sinta o desejo de paz do povo brasileiro, nossa decisão de apoiar qualquer passo efetivo para a coexistência pacífica, dentro do espírito de Camp David. Contudo, uma política sincera de paz não é compatível com a opressão dos povos. Se o governo norte-americano deseja realmente a paz, comecemos pela revogação dos tratados agressivos que prendem os países da América Latina à máquina de guerra lanque. Ao lema da coexistência pacífica — «Paz e Amizade» — proclamado por Kruschov durante sua visita aos Estados Unidos, pretendeu Eisenhower opor outro lema — «Paz com liberdade e justiça». Mas, que direito tem de falar em liberdade e justiça quando seu governo apóia os tiranos Trujillo, Stroessner e Somoza e hostiliza a revolução libertadora de Fidel Castro?

EM face da crua realidade, não há como alimentar ilusões numa pretensa «revisão das relações entre os Estados Unidos e a América Latina», nem esperar boa vontade dos monopólios americanos em relação ao desenvolvimento econômico dos nossos países. Há dois anos, o Sr. Kubitschek anunciava com estardalhaço publicitário que a OPA criaria um novo pan-americanismo e eliminaria o subdesenvolvimento com a ajuda do capital norte-americano. E daí? Estes dois anos provaram que o progresso dos países latino-americanos só pode ser obtido através da luta pela sua emancipação econômica, contra as imposições do Fundo Monetário Internacional, contra a exploração dos trustes estrangeiros.

O caminho do progresso é o da luta antilperialista e não o da conciliação com o imperialismo.



«UNE, UBES — WE LIKE FIDEL CASTRO» — com essa legenda, contida em gigantesca faixa colocada no prédio da Praia do Flamengo, os estudantes deram a Eisenhower, ontem, uma visão da atitude do povo brasileiro em face das ameaças que pesam sobre Cuba. Foi a faixa que Ike não gostou de ver, como demonstra a fotomontagem de NR, a base de dois flagrantes feitos durante a passagem do Presidente dos EUA pelo Flamengo.

Polícia Norte-Americana

Quis Ocupar o Catete

CÂMARA DE VEREADORES PROTESTA:
BRASIL NÃO É CUBATA AFRICANA

Jornal Americano Insulta o Brasil

(NOTICIÁRIO E COMENTÁRIOS NAS PÁGINAS 6, 10 E 12)

PRESIDENTE DA ÍNDIA A KRUSCHIOV

A URSS é Um Amigo Seguro Dos Países Subdesenvolvidos

Um dos pontos mais importantes da atual viagem do presidente do conselho de ministros da URSS, Nikita Kruschiov, a quatro países asiáticos é, sem dúvida, a assinatura

dos protocolos determinando a aplicação do empréstimo de um bilhão e meio de rublos (cêrca de 65 bilhões de cruzeiros) que a União Soviética concedeu à Índia em setembro do ano passado. Segundo os protocolos o empréstimo será utilizado para duplicar a capacidade da siderúrgica de Bhilai, construída com a ajuda da URSS, e para construir fábricas de maquinaria pesada, de material elétrico e de instrumentos de precisão.

Falando sobre o empréstimo, o presidente da Índia Radakrishnan disse que seu país «tinha na União Soviética um amigo seguro». Kruschiov, por sua vez, explicou o tipo de ajuda que a URSS proporciona aos países subdesenvolvidos, diferenciando-a da «ajuda» imperialista. «Sem capitais excedentes, proporcionamos ajuda onde ela é necessária. Queremos que os países beneficiários desta ajuda cheguem ao ponto em que se bastem a si mesmos, não somente em bens de consumo, como também em bens de produção.»

«É MELHOR CEM AMIGOS DO QUE CEM RUBLOS»

Falando em Bhilai, diante de 30.000 operários da siderúrgica, Kruschiov se referiu aos pronunciamentos de políticos de países capitalistas, principalmente

dos Estados Unidos, sobre a necessidade de conceder ajuda a países como a Índia, para evitar que «caiam na órbita soviética», diante do fato de que as relações com os países socialistas são muito mais proveitosas do que as com os países imperialistas. Pergunta então Kruschiov: «isto é má para a Índia? Certamente não. Que eles prestem ajuda e devolvam uma parte do que pilharam em vossos país.»

«A União Soviética se esforça por conceder uma ajuda econômica e técnica que contribua para a independência econômica. Mas certos ocidentais se servem da assistência como arma da política neocolonialista. Mais vale cem amigos do que cem rublos.» Também em seu discurso no parlamento hindu Kruschiov insistiu sobre a importância da ajuda econômica dos países subdesenvolvidos. Referindo-se a um cálculo feito por especialistas da ONU e segundo o qual esses países necessitariam de investir cêrca de 14 bilhões de dólares por ano para acabar com seu atraso, enquanto os gastos com armamentos passam de 100 bilhões de dólares anuais, disse Kruschiov: «Não será possível retirar 15 ou mesmo 20 bilhões de dólares para a solução dos problemas mundiais da miséria e da fome?»



Cêrca de quatrocentas mil pessoas foram esperar o presidente do conselho de ministros da URSS, Nikita Kruschiov, no aeroporto e nas ruas de Nova Delhi. O dirigente soviético passou entre os populares num carro aberto entre o presidente da Índia, Radakrishnan, e o primeiro-ministro Nehru.

DEFENDER CUBA!

O Itamarati e o embaixador Leitão da Cunha, representante do Brasil em Havana, desmentiram a interpretação dada por alguns jornais à vinda de nosso embaixador ao Rio às vésperas da chegada de Eisenhower, como significando que o Governo brasileiro estaria disposto a endossar os ataques presentes e futuros do Governo norte-americano a Cuba. Pouco depois, o sr. Juscelino Kubitschek, em entrevista a um jornal dos Estados Unidos, disse que «não temos dificuldades com Cuba».

Isto, entretanto, é muito pouco no momento em que recrudescem a campanha imperialista contra o Governo revolucionário cubano e suas medidas tendentes a acabar com os dois grandes inimigos do desenvolvimento de seu país, a especulação dos monopólios e as ameaças dos grupos políticos e militares reacionários, comparsas dos trustes. Diariamente se repetem toda a sorte de ataques e calúnias contra Cuba e seu Governo democrático, com o objetivo de abalar a solidariedade prestada aos revolucionários cubanos pelos povos latino-americanos e facilitar a «guatemalização» de Cuba.

A luta do povo cubano por sua emancipação nos interessa diretamente porque nos ajuda em nossa própria luta contra a miséria e a opressão imperialista. Defendê-la é aumentar as possibilidades de vitória na causa do desenvolvimento nacional independente da América Latina, em particular do Brasil. Mas defendê-la não é apenas dar desmentidos e declarações neutras, e sim apoiá-la concretamente e decididamente, prestigiar suas posições e iniciativas, que também nos interessam, como a Conferência dos Subdesenvolvidos, à qual o Governo brasileiro leu em não comparecer.

FAUSTO CUPERTINO

NOVOS RUMOS

Director — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmon Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Faó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghillar dini.

MATRIZ

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/905
Enderço telegráfico —

«NOVOSRUMOS» ASSINATURAS

Anual Cr\$ 250,00
Semestral . . . 130,00
Trimestral . . . 70,00
Área ou sob registro, despesas à parte
N. avulso Cr\$ 5,00
N. atrasada .. . 8,00

A INQUEBRANTÁVEL UNIDADE SINO-SOVIÉTICA

LUIZ CARLOS PRESTES

A amizade sino-soviética é a mais alta expressão de um novo conceito de amizade entre nações, com firmes raízes no internacionalismo proletário. Interesses e ideais comuns uniram estreitamente, nos últimos dez anos, a China e a União Soviética, que desenvolveram entre si o mais amplo apoio mútuo e trabalham em íntima cooperação, tanto nos negócios internacionais como no terreno da construção da economia doméstica de cada um. O desenvolvimento contínuo dessa unidade fraternal é a mais importante garantia para a segurança e o desenvolvimento econômico dos dois países, assim como da consolidação e reforçamento do campo socialista.

O amor do povo chinês aos povos da União Soviética é um sentimento generalizado e profundo. Baseia-se fundamentalmente no reconhecimento pela ajuda, sem limites e sem paralelo na história da humanidade, da União Soviética ao desenvolvimento da economia chinesa. Quem pôde estar em contato com os trabalhadores chineses está em condições de avaliar quanto são tolas e destituídas de qualquer verdade as especulações dos inimigos do socialismo e da paz a respeito de pretensas divergências entre os governos das duas maiores potências do campo socialista. Quando o camarada Mao Tsé-tung afirma, como o fez recentemente ao comemorar o 10.º aniversário da assinatura do Tratado de Amizade, aliança e ajuda mútua entre a China e a União Soviética, que a união com os povos soviéticos é «a mais sagrada obrigação» da China, esta traduzido fielmente o pensamento e o sentimento de toda a população do país.

Um dos fatores mais importantes do crescimento rápido da economia chinesa está na existência do campo socialista, particularmente no poderio econômico da União Soviética e do alto nível industrial e técnico já alcançados pela economia da URSS e de outros países europeus do campo socialista, como a Tchecoslováquia, a Polónia e a República Democrática Alemã.

Gracias à existência de um amplo mercado socialista pôde a China, a partir da libertação, desenvolver de maneira excepcionalmente rápida suas exportações e, assim, mais facilmente adquirir os equipamentos indispensáveis ao seu desenvolvimento industrial e agrícola. A importância desse fato não pode ser subestimada, quando se sabe o quanto é difícil aos países subdesenvolvidos aumentar o volume de suas exportações ou conquistar novos mercados no campo capitalista. Por sua vez, é sabido quanto são grandes, dentro do campo imperialista, as dificuldades dos países subdesenvolvidos para adquirir o equipamento moderno indispensável à sua industrialização, mesmo quando dispõem dos meios de pagamento necessários. Os monopólios imperialistas, quando não se negam a vender-lhes bens de produção, tratam pelo menos de aproveitar o ensejo para colocar equipamentos obsoletos, já superados pela técnica moderna. A China, no entanto, apesar do bloqueio comercial a que os Estados Unidos e seus aliados pretenderam submetê-la, pôde realizar seu programa de exportações e im-

portações. Em 1957, o volume do comércio com o exterior já ultrapassava de 60% o volume do realizado em 1952. Situação completamente diferente enfrentou a própria União Soviética nos anos de seu 1.º Plano Quinquenal, quando, em consequência da crise econômica do mundo capitalista, o valor de suas exportações no ano de 1932, por exemplo, mal pôde alcançar a 28% do valor previsto naquele Plano.

Muito importante tem sido também a cooperação no terreno financeiro e técnico. Sucessivos empréstimos, nas melhores condições, feitos pela União Soviética, permitiram à China construir rapidamente um grande número de empresas capazes de fornecer o equipamento, os mais diversos materiais e os combustíveis indispensáveis ao seu ulterior desenvolvimento. Além disto, em consequência dos acordos assinados, a União Soviética participou ativamente da construção de 211 grandes empresas entre as quais se destacam principalmente usinas metalúrgicas, fábricas de máquinas-operatrizes particularmente máquinas pesadas, de centrais elétricas, etc. Para isso, forneceu a União Soviética a China equipamentos, até o ano de 1956, num valor de mais de 8 bilhões de rublos. Das empresas projetadas, 67 entraram em funcionamento durante o 1.º Plano Quinquenal (1952-57) e numerosas outras no ano de 1958. Ulterior acordo prevê a construção com a ajuda direta da União Soviética nos próximos anos de mais 47 grandes empresas. Em 1957, a produção das empresas construídas com a ajuda direta da URSS, chegou a 63 milhões de toneladas de carvão, a 2,8 milhões de toneladas de aço e a 630 milhões de quilowatts-hora em energia elétrica. Através de novo acordo, assinado em 7 de fevereiro de 1959, a União Soviética compromete-se a ajudar a China na construção de mais 78 grandes empresas industriais, no período entre 1959 e 1967. Serão novas empresas de indústria pesada que terão enorme papel no desenvolvimento econômico do país e que reforçarão a estrutura da indústria moderna chinesa.

Tem sido, porém, particularmente no terreno da técnica que a ajuda soviética tem contribuído como um dos mais poderosos fatores no aceleração da construção socialista na China. A União Soviética vende ou entrega à China os equipamentos mais modernos que fabrica, muitos dos quais desconhecidos no resto do mundo. Transmite-lhe gratuitamente as patentes e licenças de fabricação de numerosos modelos e protótipos de máquinas as mais diversas. Quando se sabe quanto os países capitalistas mais avançados guardam seus segredos de fabricação e o preço que pedem as grandes sociedades capitalistas pela utilização de suas patentes, compreende-se o quanto isso contribui para o mais rápido desenvolvimento da economia chinesa.

Mas a União Soviética põe também à disposição da China sua enorme experiência técnica. Cêrca de 7.000 técnicos soviéticos, engenheiros e operários especializados, trabalharam e muitos deles ainda trabalham na China, contribuindo diretamente na elevação do nível técnico dos trabalhadores chi-

OS SEGREDOS DE KRUSCHIOV

«Queremos que os fundos atualmente dedicados à fabricação de canhões, aviões, foguetes e explosivos se destinem à construção de habitações e à produção de bens de consumo, a uma ajuda desinteressada e ampla às regiões economicamente subdesenvolvidas da Ásia, da África e da América Latina.» Disse Kruschiov dirigindo-se a cêrca de 10.000 pessoas que o foram esperar no aeroporto de Rangum, na Birmânia.

«Como vêem — prosseguiu Kruschiov, — acabo de revelar todos os «segredos» que trouxemos». O dirigente soviético foi saudado

do pelo presidente da União Birmanesa Wing Maung «não como um estrangeiro, mas como um amigo que voltou aqui para reforçar os laços de amizade entre nossos dois países, laços que ajudou a estabelecer por ocasião de sua primeira visita à Birmânia.»

Tanto os dirigentes como os povos dos países asiáticos compreendem e reconhecem perfeitamente que os «segredos» da visita de Kruschiov, na verdade, eram os que ele revelou: a política da União Soviética de apoio à neutralidade desses países, de defesa da paz e da coexistência internacional e de ajuda fraternal aos países subdesenvolvidos.



Além do envio de maquinaria, os soviéticos colaboraram para a industrialização da China enviando grande número de engenheiros e especialistas.

O CIRCO JANISTA

Uma personagem em torno do qual muito se tem agitado o circo janista é Leandro Maciel, candidato da UDN e um dos candidatos de Jânio à vice. Jânio se havia comprometido com a UDN a ter um só candidato ao segundo posto: Leandro. Mas compromissos são coisas que se quebram com facilidade. Leandro não conseguiu aparecer pessoalmente nos comícios em que estejam Jânio e Leandro. Mas conseguiu laquear a questão: ele não vai, mas os cupinças do PDC, com Paulo de Tarso à frente, fazem a sua propaganda aberta.

Em Vitória, estourou nova crise. Nas barbas de Leandro, Paulo de Tarso fez o elogio de Ferrari, dizendo que devia ser ele o eleito juntamente com Jânio. Leandro não aguentou:

— Ou se acaba com isto, ou eu renuncio! E, mais tarde, reafirmou: a ameaça, comentou:

— Já disse que renuncio. E minha palavra é de nordestino: se renunciar é para valer, não é para fazer palhaçada!

PTB: Nacionalismo Vencerá em Outubro

A Convenção Nacional do PTB teve o desfecho que se previa: a homologação da candidatura Teixeira Lott e o lançamento da candidatura de João Goulart como seu companheiro de chapa. Esta era a atitude que as forças nacionalistas e o movimento operário esperavam que fosse tomada pelos convencionais trabalhistas.

Foi dado, dessa maneira, um passo considerável para a consolidação e uma ampliação ainda maior da base popular que assegurará o triunfo da candidatura nacionalista de Lott em 3 de outubro. As proporções de massa que a Convenção adquiriu, apesar do tempo exigido em que foi preparada, e o entusiasmo que dominou os seus trabalhos são um índice que revela como se enraiza entre os trabalhadores e os homens do povo a consciência de que a candidatura Lott é a que realmente se identifica com os seus interesses e com os interesses mais amplos da nação.

Duas circunstâncias devem ser aqui assinaladas. A primeira é que esta manifestação de

extraordinário entusiasmo pela candidatura Lott se verifica numa capital que é geralmente considerada como o principal reduto do "lanternismo", mas onde de nada de semelhante ocorreu até agora em relação à candidatura Jânio. A segunda é que o grande ato de encerramento da Convenção do PTB realizou-se três dias depois da homenagem que o povo carioca prestou ao marechal Lott. E não é possível realizar dois atos de tal envergadura com uma diferença de tempo tão reduzida senão quando o povo está firmemente decidido a levar à vitória uma campanha. A quase simultaneidade das duas demonstrações populares, ambas com a participação maciça e entusiástica dos cariocas, indica com nitidez que a chapa Lott-Jango é apoiada pelas massas.

CONVENÇÃO NACIONALISTA

A Convenção do PTB caracterizou-se pelo seu sentido nacionalista, não só ao definir o apoio à chapa Lott-Jango, como pelos discursos nela pronunciados e pelas moções e resoluções que aprovou. Os convencionais pretendo-

ros pronunciaram-se a favor da política de desenvolvimento, mas acentuando que o que interessa ao povo e à nação é um desenvolvimento independente, que se faça não à base de compromissos com o imperialismo, mas, ao contrário, na luta pela libertação nacional, contra a espoliação dos trustes, e em benefício das grandes massas trabalhadoras. A necessidade de uma política que dê solução aos angustiantes problemas do povo e assegure aos trabalhadores os direitos democráticos de que eles não podem abrir mão — como o direito de greve — foi acentuada sobretudo nos discursos de Roberto Silveira e João Goulart, no ato de encerramento da Convenção.

Dêse modo, reitera o PTB a sua posição de crítica aos aspectos negativos do Governo do sr. Kubitschek, sobretudo os que se ligam às concessões feitas ao imperialismo norte-americano e ao agravamento das condições de vida de nosso povo.

DISCURSO DE JANGO
O presidente do PTB pronunciou vigo-

roso discurso no encerramento da Convenção. Duas teses essenciais foram defendidas em seu discurso: a de que o desenvolvimento só tem sentido para o povo sendo orientado para a conquista de nossa efetiva independência e a de que o desenvolvimento não deve levar a "que recaiam sobre os que vivem de salários e ordenados os sacrifícios mais intoleráveis, enquanto se acumulam em setores privilegiados da sociedade os benefícios do enriquecimento".

Abordou João Goulart o problema da vice-presidência, explicando os motivos por que vinha resistindo ao lançamento do seu nome. Curvando-se, afinal, às exigências a ele feitas, aceitava a sua candidatura — mas ficando "claramente entendido" que, acima dela, e como condição essencial para a sua efetivação e permanência, estão as reivindicações apresentadas pelos trabalhadores aos seus aliados e ao governo".

É necessário salientar que, mais uma vez, no discurso que fez diante da Convenção, o marechal Teixeira Lott manifestou seu apoio às reivindicações formuladas pelo PTB, contra as quais, entretanto, continuam a resistir se-

(Concluído na 9.ª página)

Fora De Rumo

RAIMUNDO NONATO

Antes de embarcar para a América do Sul, Eisenhower fez declarações que foram publicadas em Washington. Disse, entre muitas coisas, que deseja, para cada nação americana, «um rápido progresso econômico, de modo a que os seus frutos beneficiem o povo». Mas também disse que para ajudar esse progresso o governo dos Estados Unidos organizará um Comitê Assessor Nacional «constituído por ilustres cidadãos dedicados a atividades particulares». O diabo é que esses ilustres cidadãos representam os trustes, que, por sua vez, representam o imperialismo, cuja atividade é inseparável da exploração de outros povos.

—)o(—

Na verdade, Eisenhower pretende manter em navegação um velho barco. E esse barco está fazendo água na proa, na pópa, a bombordo e a boreste.

—)o(—

São tremendos os desajustamentos da sociedade que Eisenhower pretende sustentar, com o auxílio dos ilustres cidadãos dedicados a fabulosas atividades particulares. Examinemos este exemplo nacional: o «Jornal do Brasil», tratando do aniversário da morte do conde Pereira Carneiro, recordou seu nascimento, «em berço de ouro». De tradicional família de Pernambuco, foi educado no St. George College, «instituição somente frequentada por filhos da grande aristocracia inglesa». Voltando ao Recife, «conquistou a sociedade», pois «era o grande dançarino dos salões elegantes». De tanto dançar, o conde aumentou as posses e em 1920 comprou o jornal de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e Rodolfo Dantas». Era o próprio «Jornal do Brasil», que Nabuco, Ruy e Dantas perderam porque não sabiam dançar.

—)o(—

Como no mundo que Eisenhower pretende salvar nem todos nascem em berço de ouro, temos também no «Jornal do Brasil», hoje sob a direção feminina e graciosa da condessa Pereira Carneiro, que o Juizado de Menores de São Paulo registrou o desaparecimento de quatrocentas crianças. «São, na maioria, crianças nordestinas, acrescenta a notícia. Organizou-se uma quadrilha para roubá-las e vendê-las aos mendigos com sucesso na profissão. Uma criança magra (a observação irônica ainda é do «Jornal do Brasil»), eloquentemente faminta, vale bom dinheiro. O mendigo a exhibe a seu lado e não há quem não se comova».

—)o(—

O mundo que Eisenhower e os outros cidadãos dedicados a atividades particulares pretendem eternizar divide-se em duas classes: a dos que dançam e a dos que tocam a música. Os fundadores e perdedores de jornais, como Nabuco, Ruy e Dantas, tocam a música. As quatrocentas crianças nordestinas, eloquentemente famintas, também tocam nessa dança macabra da «civilização ocidental e cristã».

Plataforma Nacionalista

Em seu discurso na Convenção do PTB, o marechal Henrique Lott abordou, entre outros, os seguintes problemas:

Nacionalismo — «Sou nacionalista. O nacionalismo é a única posição compatível com a dignidade e arma para a emancipação do país. Somente através do nacionalismo, independentemente de doutrinas, regimes e sistemas de governo, poderemos resguardar, nesta hora, os superiores interesses do povo brasileiro».

Política Exterior — «É meu propósito, como presidente da República, continuar mantendo as melhores relações de amizade, além das imprescindíveis relações comerciais, com todas as nações do mundo em que vige a democracia. É preciso que trabalhem também nós, com os asiáticos e africanos, com os oceânicos — para melhoria e libertação de todos os oprimidos e injustiçados. Somos os mais numerosos: dois terços dos habitantes do planeta. Por que, então, haveremos de continuar na submissão, que é o primeiro degrau da espoliação? Devemos fazer-nos ouvir em todos os concílios, em todas as reuniões, afirmando os nossos direitos, reclamando o que nos fôr devido, comerciando com todos os povos, ampliando a nossa esfera de interesses e contactos. Devemos, corajosamente, comprar as técnicas que nos faltam onde não-las quiserem vender».

Política Continental — «Devemos pugnar por uma política emancipadora. As relações entre as nações americanas devem-se basear mais no terreno econômico do que no terreno puramente político. Devemo-nos esforçar para que a nossa diplomacia se faça sentir em acordos objetivos, que visem a emancipação dos povos subdesenvolvidos do continente. «A OPA precisa converter-se em instrumento de efetiva atuação, e não em mais uma dessas agências internacionais destinadas a abrigar políticos fracassados, em ostracismo, e figuras ultrapassadas nos cenários nacionais».

Desenvolvimento — «É imperiosa a necessidade de aceleração na realização das grandes obras em curso. Fortalecimento da Petróbrás intocável para a importação do petróleo e seus derivados em grande escala; novas e poderosas usinas de produção de aço em quantidades elevadas; utilização do carvão nacional e materiais físicos; poderosas hidrelétricas, milhares de quilômetros de auto-estradas asfaltadas, indústrias de base, pescadas, de automóveis, caminhões e tratores, devem formar o arcabouço da nova civilização brasileira e representar iniciativas que, muito breve, contribuirão, decisivamente, para a valorização da nossa moeda. É necessário modernizar e automatizar a indústria».

Reforma agrária — «Há a necessidade de progressivamente pôr a serviço da coletividade brasileira os latifúndios improdutivos. Inicialmente, procurar-se-á regularizar a posse das áreas já cultivadas por lavradores que não sejam os proprietários desses espaços cultivados, sejam tais áreas de propriedade da União ou mesmo de particulares desinteressados na sua exploração. A seguir, devem ser estabelecidas normas que regulem a alienação das ter-

ras da União e dos Estados, de forma que sejam atribuídas aos trabalhadores rurais, para a produção efetiva, e não venham a servir para a especulação imobiliária. Este é um dos aspectos da reforma agrária, também pendente de solução legislativa». Aos lavradores deve ser assegurada assistência técnica, concedidos créditos fáceis, a longo prazo e juros módicos, seguro agrário permanente, isenção de todos os impostos às cooperativas de produção e estabelecimento de uma poderosa rede de silos e armazéns.

Problemas da classe operária

«Não permitirei sejam diminuídos os direitos e as garantias assegurados aos trabalhadores. A criação da Lei Orgânica da Previdência Social, a regulamentação do direito de greve, e, bem assim, a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, são reivindicações impostergáveis. É de se desejar que o Congresso, antes mesmo das próximas eleições, venha a deliberar sobre estas importantes questões. Se tal não ocorrer ainda este ano, assumo o compromisso de trabalhar, no próximo ano, como presidente, pela aprovação dessas importantes leis complementares. Os sindicatos devem ser fortalecidos e prestigiados. No que se refere à previdência social, temos que confessar, com constrangimento, que ela praticamente não existe. Por esta razão ela merecerá do meu governo cuidados especialíssimos».

Educação — «Pretendo dedicar-me atentamente ao problema da educação e do ensino. Multiplicarei o número de escolas e de professores em todo o país, para todos os estágios e graus de instrução. Darei especial preferência ao desenvolvimento do ensino técnico, médio e superior. Não é possível que somente uma pequena elite social consiga dar aos filhos o que a Constituição da República determina que se dê a todos os brasileiros».

Funcionalismo — «A reclassificação é necessária e deve ser feita em bases mais acordadas com o real interesse da coletividade brasileira, tanto no que tange ao incentivo dos trabalhadores intelectuais burocratas ou manuais, como no concernente à assistência efetiva à família».

Capital estrangeiro — «Deve ser regulamentada a remessa de lucros das empresas estrangeiras. É imperioso impedir-se que o suor dos brasileiros sirva para lacupletar a bolsa dos capitais estrangeiros».

Nordeste — «Cumpra ao governo realizar investimentos em transporte, energia elétrica, irrigação e fomentar a industrialização do Nordeste. A recuperação e o aproveitamento do Nordeste será questão de honra para o meu governo».

Legalidade democrática — «Acusam-me de golpista porque, apoiado pelos meus camaradas e na vontade do povo, fiz prevalecer a Constituição da República, contra a vontade e o gesto dos verdadeiros golpistas e garanti a posse do candidato eleito. Não sou quem tem causticado os partidos e insultado os seus representantes no Parlamento. Ao contrário, sempre procurei auxiliar a ordem democrática vigente».



Multidão considerável assistiu à sessão de encerramento da Convenção do PTB, recebendo com grande entusiasmo a homologação dos nomes de Lott e Jango como candidatos do Partido à eleição presidencial de 3 de outubro.

Trabalhadores na Direção

Aprovando o memorial que nesse sentido me foi enviado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, a Convenção do PTB decidiu alterar os Estatutos do partido para admitir, na composição de seus órgãos de direção e das bancadas parlamentares, a participação direta dos trabalhadores. Os sindicatos, federações e confederações indicarão seus representantes respectivamente para os postos distritais e municipais,

estaduais e nacionais.

O memorial dos trabalhadores reivindica também ampla liberdade sindical, aprovação da Lei de Greve, regulamentação da Previdência Social, monopólio estatal do seguro de acidentes no trabalho, reforma agrária, inclusive com a extensão da legislação social aos trabalhadores do campo e participação dos trabalhadores nos órgãos de planejamento e execução das medidas sociais e econômicas

adotados pelo governo.

A Convenção petebista decidiu ainda aprovar a reivindicação da CNTI no sentido de ser reconhecido às entidades sindicais o direito de se filiarem aos organismos internacionais de sua escolha.

No discurso que pronunciou no encerramento da Convenção do PTB, o marechal Teixeira Lott considerou justas as reivindicações dos trabalhadores, dando-lhes o seu apoio.

Lição De Mário De Andrade

LEANDRO KONDER



MÁRIO

Quando Mário de Andrade morreu, há quinze anos, o poeta Carlos Drummond de Andrade prometeu um poema: «Daqui a vinte anos farei teu poema e te cantarei com tal

[suspiro que as flores pasmarão, e as abelhas confundidas, e s'v a i rão [seu mel].

Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes também dedicaram versos ao amigo morto. Embora não quisesse fundar escola («em arte, escola é ig. a: imbecilidade de muitos para vaidade de um só»), Mário tornou-se uma das influências mais marcantes na literatura brasileira que se desenvolveu a partir da segunda década deste século.

Sua lucidez, sua coragem de polemista, e mais a versatilidade do seu espírito e a universalidade da sua cultura, valeram-lhe o apelido (algo bombástico, certa-

mente) de «papa do modernismo».

Mário foi uma espécie de síntese viva do espírito inconformista com que eclodiu a revolução (literária) de 1922. Participou — conscientemente — dos acertos e dos exageros do movimento. Procurando ilustrar em seu trabalho de artista os postulados teóricos por que pugnavam, aceitou — ainda conscientemente — correr o risco de fazer obra mais de exemplo do que de criação artística propriamente dita. Impôs-se o objetivo de promover uma reformulação dos problemas da cultura brasileira, incitando os artistas moços à busca de meios de expressão mais nossos, mais verdadeiros, e apontando-lhes como caminho o da valorização dos elementos mais nacionais, quer dizer, mais populares, da nossa arte.

Mário era um huma-

nista, no sentido clássico da palavra, isto é, no sentido da frase de Terêncio: «Sou homem e nada do que concerne ao homem me é alheio». A música, a literatura, o folclore, a arquitetura, a medicina, as artes plásticas, etc. mereceram a sua atenção e beneficiaram-se do seu talento.

Está claro que, em meio a esses múltiplos aspectos do seu trabalho intelectual, ele cometeu alguns equívocos — de resto, geralmente logo reconhecidos. Lembra-mo-nos que, em certa ocasião, Mário chegou até a publicar um artigo numa revista fascista, não atinando, de pronto, com a responsabilidade de tal concessão. Mas, percebendo o erro, não hesitou em confessá-lo publicamente e penitenciar-se. O senso autocrítico, aliás, era-lhe bem próprio.

«Lavro o meu protesto contra os crimes que me deixaram assim, imperfeito. Não das minhas imperfeições naturais, mas de imperfeições voluntárias, conscientes, lúcidas, que mentem no que verdadeiramente eu sou». (Em «Café — concepção melodramática»).

Poucos meses antes de morrer, numa vibrante entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa para o semanário «Diretrizes», Mário fazia questão de proclamar: «Acho que o artista, mesmo que queira, jamais deverá fazer uma arte desinteressada. O artista pode pensar que não serve a ninguém, que só serve à Arte, digamos assim. Af está o erro, a ilusão. No fundo, o artista está sendo um instrumento nas mãos dos poderosos. O pior é que o artista honesto, na sua ilusão de arte livre, não se dá conta de que está servindo de instrumento, muitas vezes para coisas terríveis. E' o caso dos escritores apolíticos, que são servos inconscientes

do fascismo, do capitalismo e do quinta-colunismo».

Esta entrevista, convém notar, foi publicada em janeiro de 1944, quando a Alemanha de Hitler ainda não tinha sido definitivamente derrotada. E no Brasil ainda vigorava o Estado-Novo.

Mais adiante, o entrevistado voltava ao tema, para não deixar dúvida quanto à sua opinião: «O artista pode não ser político enquanto homem, mas a obra de arte é sempre política, enquanto ensinamento e lição; e quando não serve a uma ideologia serve a outra, quando não serve a um partido serve ao seu contrário».

Quem o diz, pois, é o próprio Mário de Andrade: toda obra de arte é política enquanto ensinamento e lição. E, justamente, é bem de uma lição o sentido do seu trabalho e da sua evolução. Uma lição de como o escritor honesto, lúcido e democrata sincero, tão naturalmente como o rio que corre para o mar, vai assumindo posições cada vez mais consequentes e progressistas em face dos grandes problemas sociais do seu tempo.

«E' insuportável pensar que a guerra atômica possa ser desencadeada. Os homens de ciência soviéticos, que trabalham no terreno da energia nuclear, compreenderão melhor que ninguém que a utilização das bombas A e H levaria a humanidade a um desastre de consequências imprevisíveis. Que os sábios do mundo inteiro unam seus esforços para conseguir em pouco tempo controlar a reação termonuclear, para transformar a energia libertada na fusão dos núcleos do hidrogênio numa fonte poderosa de vida que dará a todos felicidade e bem-estar na Terra, em vez de ser um instrumento de destruição.» Eis, sintetizado num trecho de discurso de Kurchatov — Sovlet Supremo, 31 de março de 1958 — o sentido que à sua vida imprimiu o renomado sábio soviético.

UM BILHETE

E NEIDA

Meu prezadíssimo Xaxá, de nome Uliarov: — «quei contentíssima com sua opinião sobre meu livro Caminhos da Terra e como você manda contar que é leitor deste nosso NOVOS RUMOS aqui estou eu, por seu intermédio escrevendo-lhe este bilhete. Há coisas que eu gostaria muito de me dar de presente nesta vida e uma delas seria, por exemplo, ter tempo para conversar muito com você. Trocamos cartas, falamos sobre vários assuntos, principalmente porque você tem dez anos e eu iria aprender muito.

Sel que você é um homenzinho de grande caráter e a prova disso está na maneira com que escreve. Acha por exemplo que uma das frases que mais gostou do meu livro foi esta: «não vivo nem vivi em vão!» Quanta gente vive em vão, hein Xaxá? quanta gente por aí que se julga dono do mundo e que nem olha em seu redor. Você não. Você está preocupadíssimo em aprender, em saber, em viver para alguma coisa, em viver conscientemente. Eu poderia, como velha que sou, dizer-lhe coisas transcendentais sobre o viver consciente. Mas não precisarei nem quero fazê-lo. Uma carta entre amigos deve ser como a gente é: simples, afável. E nesta minha há uma outra coisa: é que estou felicíssima em ter um amigo como você. tão amigo que é capaz de dizer que leu o que escrevo em tal lugar e gostou ou não gostou.

Você conta que adorou aquela minha história do galo. E' realmente uma história bonita. Era um galo que viveu sua primeira infância (felizmente que não fizeram dele esse horrível «galetto al primo canto», comida que anda na moda e de que eu tenho horror. Onde já se viu, Xaxá, matar galinhos no momento em que eles começam a cantar como galos?) num lugar tão ruim, tão sem er-

vas para comer, tão sem as necessárias vitaminas necessárias aos homens e aos bichos que o pobrezinho não cantava. Um dia meu irmão trouxe-o para o seu quintal e aí o galo, já então um galo, digamos assim, balzaquiano, comeu o que precisava e se pôs a cantar, mas a cantar tanto e tanto, como se estivesse vingando-se do tempo perdido em silêncio.

Xaxá, não é pra fazer comparações, mas você já reparou que há muita gente no mundo, parecida com esse galo?

Quando você vier ao Rio, telefone para minha casa e vamos conversar nós dois. Posso lhe mostrar livros infantis que eu trouxe da China; uma beleza. Posso lhe contar histórias do folclore chinês, como a de um menininho que queria ser pintor mas não podia porque era órfão e pobre. E' uma estória muito bonita. Posso lhe mostrar os desenhos de crianças chinesas e retratos, muitos retratos de pequeninos alegres, felizes lindos, que eu fiz lá. Xaxá, as crianças felizes da China, da URSS, da Tchecoslováquia são um atestado, o mais belo, o mais eloquente atestado do que é um país socialista. Você é uma criança feliz, sei disso, você e seus irmãos, mas repare que a multidão de crianças brasileiras é desgraçada, mal nutrida, sem escola, não é? Pois nesses países as multidões infantis são tão alegres que a felicidade e a alegria são bem comuns. Veja bem: multidões.

Continue me escrevendo e continue com suas leituras, com seu cinema, com seus desenhos. Dê um abraço em Igor esse que tem noventa centímetros de altura e que ficou tão bonitinho de cabelo cortado. Abraços nos outros, no papai, na mamãe. E já sabe, conto com sua amizade e espero um dia sua visita.

Igor Kurchatov

tos na fabricação de condensadores, amplificadores, e acumuladores para as máquinas eletrônicas.

Mais tarde, dedicou-se à física do núcleo dos átomos, descobrindo a fissão espontânea do núcleo do urânio, observada desde 1940. Suas pesquisas nesse terreno estão indissolúvelmente ligadas ao gigantesco avanço da utilização pacífica do átomo verificado nos últimos anos na União Soviética.

Membro do Presidium da Academia de Ciências da URSS, Diretor do Instituto de Energia Atômica da Academia, Deputado ao Soviet Supremo da URSS e três vezes herói do trabalho socialista, esses os títulos acumulados pelo eminentemente sábio.

Atacado por uma insuficiência cardíaca aguda causada por trombose da artéria coronária do coração, Kurchatov teve a vida bruscamente cortada aos 7 de fevereiro, em pleno vigor dos 57 anos.

Num preito de reconhecimento do povo e do governo soviéticos por seu fecundo trabalho científico, Kurchatov foi sepultado, numa cerimônia pomposa a que compareceram o Comitê Central do PCUS e o Conselho de Ministros da URSS, além de enorme multidão, na cidade de Kremlin, na Praça Vermelha, honra que a poucos é concedida na URSS.

Muito jovem, apenas três anos depois de concluir o curso superior, dedicou-se às investigações científicas. Logo no início de sua brilhante trajetória, suas descobertas nos cristais dotados de propriedades dielétricas permitiram que essas fossem utiliza-



A DURA LEI DOS HOMENS

«Meu livro tem, pelo menos, o objetivo de ser uma contribuição ao esforço daqueles que buscam uma autêntica literatura brasileira, capaz de expressar os sentimentos e os desejos de todo um povo que constrói, com imensos sacrifícios e muita esperança, o seu futuro», declarou o escritor Ariovaldo Matos em seu discurso de agradecimento pelas homenagens que lhe fo-

ram tributadas por ocasião do lançamento do livro A Dura Lei dos Homens. O acontecimento teve lugar na Livraria Civilização Brasileira de Salvador, Bahia, no dia 10. Entre a pequena multidão que compareceu à movimentada tarde de autógrafos, foi anotada a presença do prefeito Heitor Dias, do major Cristostomo (representante do governador). Pinto de

Aguilar, Secretário de Finanças da Prefeitura, Ruy Santos, Secretário do Governo, ex-senador Aloisio de Carvalho Filho, Prof. José Calazans, diretor do Turismo, Dionisio de Azevedo, Secretário de Educação da Prefeitura, deputado federal Antônio Carlos Magalhães, Raulino Oliveira, presidente da ABL, e outras personalidades. Na foto, um aspecto do lançamento.

NOTAS SOBRE LIVROS

ASTROJILDO PESTANA

O interesse pelo estudo do marxismo cresce auspiciosamente nos meios universitários brasileiros. O que é natural, pois vivemos numa época de radicais transformações de caráter político, econômico e social, na estrutura do mundo, com a marcha ascensional do socialismo, a desagregação do colonialismo e o declínio histórico do capitalismo. Boa parte da mocidade universitária, buscando nortear-se em face de tais transformações, atrai-se ao estudo da doutrina marxista, na esperança de encontrar respostas satisfatórias às suas dúvidas e inquietações.

O avesso deste fato — avesso que é ao mesmo tempo a sua comprovação — está patente no empenho sistemático que as Universidades Católicas vêm realizando, ultimamente, a fim de adotar novos métodos de combate à influência marxista entre os estudantes. Os velhos métodos puramente negativos já não produzem os efeitos desejados. Não adianta mais repetir que o comunismo é invenção do Diabo. Os meninos de hoje, que estão vendo os cientistas e técnicos soviéticos devassarem vitoriosamente os céus, não acreditam mais em fantasmas e duendes. Querem conhecer a realidade, acreditam na ciência e voltam seus olhos para o futuro. Que fazem então as Universidades Católicas? Designam os seus melhores professores para «estudar» o marxismo e no próprio marxismo «descobrir» os meios de o combater. Quer dizer: pretendem curar a mordida da cobra com o veneno da própria cobra. Entra então em cena a velha experiência dos doutores e subdoutores da Igreja em matéria de sofismas, distorções, sutilezas e argúcias de raciocínio. Veja-se, por exemplo, a revista Síntese, editada pelo Instituto de Estudos Políticos e Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tudo nessa revista conflui para um objetivo central — o combate ao comunismo, mas o combate do alto da cátedra, em nível universitário, com «objetividade científica», a que não falta o manuseio erudito da bibliografia marxista. Os professores e padres de Síntese fazem força para convencer o leitor incauto que eles, no fim de contas, é que são os «verdadeiros» intérpretes do «verdadeiro» marxismo — e, finalmente, que o comunismo dos países socialistas nada mais possui de comum com o «autêntico» marxismo de Marx. Deformam e dogmatizam a teoria marxista para negar a sua prática.

Nessa nova mistificação há, todavia, um lado até certo ponto positivo. O marxismo é, afinal, apresentado como assunto sério, que não pode mais ser tratado à moda antiga, depreciativamente. Ocorre, em consequência, que muitos estão, antes, levados por esta consideração, resolvem estudar o marxismo por conta própria — no que fazem muito bem. Junte-se a isto a experiência viva dos acontecimentos contemporâneos, e fácil será calcular os resultados daí decorrentes.

O que se passa com estudantes católicos passa-se, igualmente, por semelhantes ou por outras e mais fortes razões, com estudantes de todas as faculdades e escolas — atraídos pelo crescente prestígio mundial do marxismo. As idéias do socialismo triunfam e avançam, por toda a parte, com força irresistível, e ao seu apelo não podem furtar-se, como é lógico, os jovens que estudam, não apenas para obter um diploma universitário, mas também para satisfazer os seus ardentes anseios de saber, de compreender e de participar do processo histórico em curso.

Poderíamos apontar numerosos casos — e ainda mais numerosos indícios — que nos mostram como ganha terreno, nos meios estudantis, este fecundo movimento de aproximação direta às fontes do marxismo. Exemplo pessoal disso — um entre muitos — é o que nos vem do estudante gaúcho Walter Rechenberg, aluno da 2ª série do Curso de Ciências Econômicas da Universidade do Rio Grande do Sul, e autor de breve estudo publicado, recentemente, na revista do Centro de Estudantes Universitários de Ciências Econômicas, editada em Porto Alegre.

O articulista aborda um tema que é fundamental no estudo da obra de Marx — «O valor na conceitualização marxista». E' um trabalho de poucas páginas, sem dúvida insuficientes para um tratamento em profundidade de matéria tão complexa, mas que denota um espírito sério de pesquisador e, ainda mais, uma inegável capacidade de exposição.

O jovem Walter Rechenberg está em bom caminho, e o melhor que lhe podemos dizer é que prossiga com afinco os seus estudos em tal sentido. Não se arrependa.

E' muito natural que o gênio de Marx exerça tamanha fascinação sobre as jovens inteligências. O marxismo não é somente um tremendo fermento ideológico, mas igualmente um guia incomparável de investigação e aproximação da verdade.

SINDICATO DO DF LIDERA A CAMPANHA

Empregados De Hotéis: Luta Nacional Para Conquistar Novo Salário Mínimo

Reportagem de ARMANDO FRUCTUOSO

Cerca de 40 mil trabalhadores no comércio hoteleiro desta Capital acham-se empunhados em vigorosa campanha em defesa de suas reivindicações...

vernos sobre o amparo dos extras no IAPC; atualização da secretaria do trabalho e proteção dos companheiros que trabalham em serviços extras...

de quitação assinados sem a assistência do Sindicato, pelos companheiros que sabem e os que não sabem ler; salário mínimo de Cr\$ 10.000,00...

LUTA DE ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL

Após a assembleia a reportagem de NOVOS RUMOS procurou ouvir a diretoria do Sindicato. Fomos recebidos pelos senhores Ruy Alves Guimarães e Selênio Nunes...

Com relação ao nosso Programa, a Diretoria do Sindicato dirigiu-se à Diretoria de nossa Federação afirmando que na próxima reunião de seu Conselho de Representantes seja discutida a necessidade de, no próximo Congresso Nacional dos Trabalhadores Hoteleiros...

Assim iniciou suas declarações o sr. Ruy, que prosseguiu afirmando: "Mas nossa luta irá mais longe. Os problemas abordados no Programa e o conjunto das reivindicações dos trabalhadores não só no comércio hoteleiro como de todos os trabalhadores na indústria alimentícia serão objetos do mais acurado estudo em Budapeste nos dias 27 a 31 de agosto do corrente ano durante a realização da 3a. Conferência Internacional dos trabalhadores desses setores...

"Apelo a todos os trabalhadores de minha corporação prosseguiu o sr. Ruy, a fim de que se sindicalizem (Conclui na pag. 11)

AMEAÇA À UNIDADE SINDICAL

As lutas dos trabalhadores brasileiros e de seu movimento sindical, têm sido orientados no caminho justo da unidade de ação e orgânica de todas suas forças...

Congresso Sindical Mundial, realizado nos dias 8 a 12 de dezembro, em Bruxelas, criticaram a posição da CNTI e a ameaçaram de sanções. Posteriormente, em Miami, a ORIT, reunida com a presença de George Meany, presidente da AFL-CIO...

Nesse caminho, o movimento sindical nacional tem conseguido importantes vitórias. Embora ainda predominante e se mantenha uma legislação inadequada, retrograda e superada, como os dispositivos da CLT, a prática, a vida, tem realizado, concretamente, em parte, a libertação, a independência e a autonomia e domínio dos organismos do Estado...

Essa intervenção reacionária e divisionista no movimento sindical brasileiro, principalmente, na CNTI, para obrigá-la a recuar de seu justo caminho, constitui uma ameaça à unidade, à organização, à liberdade e à democracia dos sindicatos em nosso país...

Pretendem, assim, a CIOSL-ORIT e aqueles que seguem sua orientação, que o movimento sindical do Brasil não lute conjuntamente com todas as forças nacionalistas e democráticas pela emancipação econômica e política de nossa pátria...

A CNTI, tornou-se desde 1956, com a Carta Económica, o Decálogo dos Trabalhadores, com a realização da I e II Conferência Sindical Nacional, com o apoio decidido à luta contra o subdesenvolvimento, através de um amplo programa anticolonialista e ant imperialista...

Essa posição justa e única que deve ser mantida, não está sendo aceita pelas direções da CIOSL-ORIT, que no seu VI

ROBERTO MORENA



Lutam Contra a Transferência

Os 415 trabalhadores da Fábrica de Biscoitos Aimore, 85% dos quais com direito à estabilidade, continuam travando uma batalha dramática contra a decisão arbitrária da direção da empresa...

operários, entretanto, liderados pelo seu Sindicato, negam-se a atender a decisão absurda da empresa, uma vez que lhes seria inteiramente impossível manter em São Paulo o mesmo nível de vida que têm no Rio de Janeiro...

CONTEC promove reunião unitária Bancários Da América

Vão se Reunir No Rio

Iniciaram-se em todo o país, os preparativos para a Convenção Nacional dos Bancários, que se realizará nesta Capital, de 24 a 28 de março. A CONTEC (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito), simultaneamente, tomou a iniciativa de promover um encontro fraterno de delegados das organizações sindicais de bancários de todos os países da América...

quais se inclui: a) discussão sobre o Contrato Coletivo de Trabalho; b) a situação do IAPB; e) problemas nacionais.

Para o Encontro Internacional, a CONTEC enviou convite a todas as organizações sindicais de bancários das três Américas.

As embaixadas dos países americanos no Brasil estão colaborando com a iniciativa, prontificando-se a endereçar os convites às entidades sindicais dos seus respectivos países. Nesse sentido já se manifestaram as Embaixadas dos E.U.A., Canadá, Peru, Equador, El Salvador, Panamá, Paraguai, Venezuela, Guatemala e Cuba.

O encontro terá por finalidade o fortalecimento dos laços de amizade que unem os bancários de todo o Con-

tinente americano e visa, por outro lado, ao exame de algumas medidas capazes de promover o reforçamento da Confederação Americana de Bancários, entidade sediada no Chile, que congrega os Sindicatos Bancários das Três Américas: A FSM (Federação Sindical Mundial), a CIOSL (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres) e a ORIT (Organização Regional Interamericana de Trabalho) e outras entidades de âmbito nacional e internacional...

O bancário José Júlio Gomes de Azevedo do Banco do Brasil de Nova Friburgo, saiu vencedor no concurso para escolha da bandeira e escudo da CONTEC recebendo um prêmio de 20 mil cruzeiros. A comissão que escolheu o projeto apresentado por José Júlio era composta dos artistas Quirino Campolucio, Honório Peçanha, Ubj Bava, e Milton Luta.

TRABALHADORES DENUNCIAM O NOVO REGIMENTO QUEREM TRANSFORMAR PÔRTO DO RIO EM CABIDE DE EMPREGOS!

Cerca de oito mil trabalhadores do Pôrto do Rio de Janeiro estão em pé-de-guerra contra a administração daquela autarquia, que elaborou um novo regimento considerado ruinoso para a economia da empresa, e profundamente contrário aos interesses dos portuários.

atual situação da autarquia, que já é deficitária, a fim de justificarem, perante os portuários e a opinião pública, a transformação da entidade em sociedade de economia mista.

A greve, que havia sido deliberada para zero hora do dia 23, foi suspensa logo que os trabalhadores perceberam que a paralisação dos serviços iria beneficiar a todos os interessados na intervenção particular.

Os portuários decidiram repudiar o atual regimento apresentado pela Administração e lutar por um outro que regularize a situação dos servidores e defenda os interesses da autarquia que tem sido palco das maiores negociações.

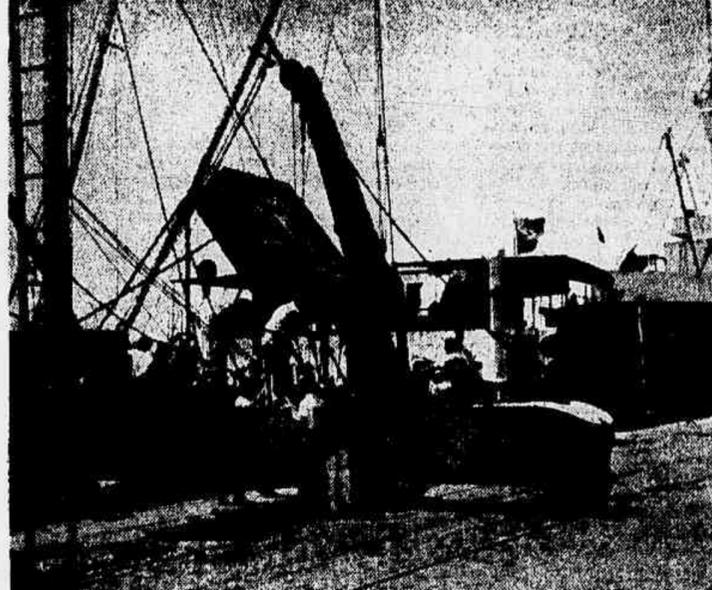
Dois líderes sindicais, Nelson Batista e Lassara Rodrigues da Costa, representantes da UPR (União dos Portuários

Pôrto do Rio de Janeiro como o Lóide e a Costeira estão ameaçados de serem transformados em sociedades de economia mista, os dirigentes da Federação Nacional dos Marítimos e da União dos Portuários do Brasil, estão estudando a possibilidade do estabelecimento de um acordo para a luta em comum na defesa das três autarquias...

Zelandando pela moralização dos serviços da Administração do Pôrto, os trabalhadores, liderados pela UPR, elegeram uma comissão de cinco membros, entre os quais os srs. Artur Cautalice e Rubens Teixeira para fazer o levantamento das irregularidades naquela autarquia onde se sabe que é grande a evasão de rendas. Um requerimento de informações está sendo elaborado pela referida comissão e será endereçado nos próximos dias, à Câmara dos Deputados.

ACORDO MARTÍMICO PORTUÁRIO

Considerando que tanto a Administração do



Os trabalhadores do Pôrto do Rio de Janeiro repudiaram o novo regimento empreguista, e decidiram lutar contra a transformação da autarquia em sociedade de economia mista.

Jornal Americano Insulta o Brasil

Cronistas Ridicularizam Terrorismo Contra o Povo

O diário de língua inglesa "Brazil Herald", mantido pela colônia norte-americana nesta capital, publicou em sua edição de domingo, dia 21, dois artigos nos quais estão expressas a opinião e as decisões dos trustes e monopólios norte-americanos que aqui operam, em relação com a visita de Eisenhower. Trata-se de um editorial e de um artigo assinado por Paul Vanorden Shaw, que agora coope sobre a hospitalidade brasileira de que desfruta desde quando chefiava o escritório da ONU, há mais de 10 anos.

SUGESTÃO

A EISENHOWER

O artigo da redação do "Brazil Herald" sugere a E-

Identidade para entrar na própria casa!

Todas as pessoas que trabalham ou habitam em prédios que, por infelicidade, têm suas situações, ao longo do trajeto percorrido por Eisenhower, foram submetidas a um virtual estado de sítio durante a visita do chefe de Estado americano. Os prédios foram visitados por policiais, amplamente fotografados e, ainda por cima, estas inspeções do FBI, via Ordem Política e Social, para ingressar nos referidos prédios, isto é, em suas residências ou locais de trabalho, todas as pessoas tiveram que exibir documentos de identidade. As que residem ou trabalham nos mencionados lugares, foi esta a principal formalidade exigida; quanto aos estrangeiros, isto é, os que se dirigiram a esses prédios em visita ou para tratar de negócios, só puderam ingressar mediante autorização especial da polícia. Além disso, agentes da polícia política dirigiram-se a cada residência ou escritório dos prédios situados no percurso de Eisenhower proibindo que qualquer objeto fosse lançado pela janela e com uma série de outras ameaças, onde era implícito o terrorismo policial. O lançamento de papéis picados sobre o cortejo presidencial ficava reservado aos próprios il-

lustrados. Os comentários, que ouvimos nos mencionados edifícios — alguns deles com centenas de escritórios — foram de profunda indignação. Quem não sabe mandar em sua própria casa — comentavam os populares, referindo-se a subversão das autoridades — mereça isto: que outros mandem.

senhower que durante sua visita convidou para uma conferência o presidente da Câmara Americana de Comércio no Brasil, Mr. William Augustine Prendergast Jr., vice-presidente do National City Bank no Brasil, "para saber como os homens de negócios norte-americanos em nosso país e em outros lugares conseguem resistir aos massacres do comunismo-nacionalismo".

Acrescenta o artigo que Eisenhower, como soldado que foi, sabera sentir "o valor de um relatório feito por um soldado (o soldado, aqui, é o banqueiro Prendergast) que tem estado e está debaixo do fogo, pois é óbvio que uma análise da situação, feita em primeira mão, numa trincheira da linha de frente, onde um símbolo dos Estados Unidos (o símbolo, aqui, são o City Bank, a Esso, a Standard Brands e os demais monopólios iníquos que infestam o Brasil) está sob o assalto da artilharia, será provavelmente útil ao civil e militar que é o comandante-em-chefe de todas as forças dos Estados Unidos, agora espalhadas pelo mundo para sua defesa".

INTERVENÇÃO DESCARADA

Troquem os em mãos o que dizem os "big-spots" norte-americanos pelo seu jornal oficial. A qual fogo estão submetidos os trustes e monopólios americanos no Brasil? Gostam de privilégios excepcionais, estando em situação de superioridade em relação a própria indústria nacional (por exemplo, a importação

de equipamentos sem cobertura cambial). Remetem livremente para os Estados Unidos centenas de milhões de dólares, todos os anos, sob a forma de capitais ou de trocas de mercadorias em regime não equivalente. De que se queixam, pois? Do movimento nacionalista? Das declarações do marechal Lott e das forças nacionalistas de que a Petrobras é intocável, ou de que se queixam, muito mais ainda terço do que se queixam.

E' por isso que se dirigem a Eisenhower como se fossem colonos da metrópole, pedindo proteção ao governador-geral contra os ataques de libertação dos nativos.

"ME DA UM DINHEIRO AI"

Esse é o título do tal Shaw, que usa outro tom. Em vez de queixas, ameaça o Brasil, e de lambugem, ridiculariza a Operação Panamericana do sr. Kubitschek. Diz, a certa altura: "Se o propósito dessa técnica de tapeação (refere-se ao governo brasileiro) é atenuar ou ridicularizar os Estados Unidos, obrigando-os a correr em auxílio da nação que tem se recusado a fazer o que quase todas as outras nações latino-americanas têm feito para se ajudarem a si mesmas (isto é, abrir as portas aos trustes do petróleo e aos trustes americanos, em geral, seguir cegamente as determinações do Fundo Mon-

tário e do gov. de Washington, etc.), talvez valha a pena frisar que tais técnicas e táticas geralmente saem pela culatra contra aqueles que a elas recorrem".

"Os americanos, e isso quer dizer os contribuintes norte-americanos e os eleitores, não gostam de ser empurrados nem de cair em armadilhas, como ninguém gosta, também. Mesmo que existam hoje, há sempre um amanhã quando a ira do povo dos Estados Unidos pode se tornar difícil de controlar".

Como se vê, a linguagem do mastim dos trustes e arrogante, brutal e ameaçadora. Levando-se em conta a pessoa que escreve, um porta-voz autorizado dos trustes norte-americanos no Brasil, pode-se ver de onde parte a ameaça ao nosso país, já agora não velada.

REMENDOS

Por isso mesmo, pela categorizada autoria dos dois artigos, torna-se quase completamente formal a nota distribuída pelo embaixador americano, Mr. Cabot, desautorizando os artigos. De fato, é claro como água que a nota do embaixador americano só foi divulgada em face da pressão do ministro Lafer, o qual, por sua vez, agiu sob o impacto do medo da repercussão dos artigos entre a opinião pública. Mas, foi bom. Os trustes se animaram ante a presença do seu comandante-em-chefe, como diz o editorial do "Brazil Herald", e falaram alto. As forças nacionalistas saberão dar-lhes a devida réplica.

"Imensa Capangada"

Refletindo a indignação da população carioca em face do tremendo aparato militar e policial que cerca a vinda de Eisenhower ao Brasil — verdadeira ocupação estrangeira da capital do país — o vereador idealista Jair Martins pronunciou um discurso na Câmara Municipal, na última segunda-feira, protestando energicamente contra o que chamou a "imensa capangada" que acompanha o presidente norte-americano.

Depois de estranhar o "cuidado excessivo" das medidas de segurança a Eisenhower, disse o vereador Jair Martins:

"Há poucos dias, desembarcaram no Brasil alguns milhares de G-Men, de detectives do Federal Bureau of Investigation dos Estados Unidos para proteger e dar cobertura a passagem do Chefe do Executivo Americano pelo Brasil. Houve mesmo uma tentativa, por parte de autoridades norte-americanas, — e devo declarar que sou um admirador dos

mais ardorosos da nobre Nação Americana e do seu povo — inclusive, de visitar o Palácio do Catete, a fim de verificar se aquele local oferecia condições de segurança e conforto a estado do Chefe do Executivo Norte-Americano.

Ora, Sr. Presidente, não fora a atitude do Ministro Selo Gama — de quem, politicamente, nos separa o próprio Oceano Atlântico — e a aprovação tácita, formal e definitiva do próprio Presidente da República, de quem, politicamente, nos separa o próprio Equador, e essas autoridades norte-americanas teriam visitado o Palácio do Catete, com aparelhos sonoros para verificar se há bombas de profundidade, torpedos, minas ou lá o que seja, a fim de proteger a honra do Presidente Eisenhower. Verifiquei, pelo noticiário da imprensa, que até mesmo a alimentação trazida para o Brasil, assim como a do colômbio faz para cá, é ainda mais, um corpo nos mais laivos de capangas como se o Brasil

fora uma colônia africana, uma senzala ou um "far-west" norte-americano ao tempo da corrida do ouro. Isso, positivamente, é um absurdo".

Adiante, sugeriu o vereador Jair Martins que o presidente da Câmara se dirigisse ao prefeito ou ao próprio presidente da República "restratando, em nome do povo carioca, esse procedimento, que coloca muito mal perante o povo, o Chefe do Estado norte-americano. Ora se todos os Chefes de Estado que aqui viessem tivessem que trazer uma capangada imensa, armada de canhões, milhares de detentores de minas, etc., seria o fim do mundo. Foi um ato elevável e digno de nota o do Sr. Presidente Juscelino Kubitschek quando apoiou a atitude do seu subordinado, não permitindo que o Palácio do Catete fosse invadido, declarando, inclusive, que o Corpo de Segurança do Palácio do Catete teria a responsabilidade de proteger o Chefe do Estado Norte-Americano".

A repulsa geral às medidas de terrorismo contra a população adotadas por motivo da visita de Eisenhower refletiu-se não apenas nos comentários da imprensa, alguns dos quais transcrevemos nesta edição, como também em crônicas de nomes familiares ao público brasileiro.

O cronista Stanislaw Ponte Preta, na página diária que mantém em "Última Hora", escreveu, a 22 do corrente, uma crônica cheia de ironia, em que ridiculariza com a verve típica do carioca, os excessos

de zelo manifestados pelos policiais americanos e nativos. Concluindo sua crônica, que intitulou "Algumas ponderações sobre o terrorismo aborígenes", Stanislaw faz a seguinte advertência aos leitores: "E, precaução por precaução, vocês que tratem de tomar as suas também. Nada de foguetório, durante o desfile. Já não dizemos foguetes interplanetários, mas o foguete doméstico, vulgamente chamado traque. Nada de gilete no bolso, navalha ou canivete (ou qualquer outra

arma de guerra) que vocês podem ser incompreendidos e tomados por terroristas.

"Não vale a pena provocar a suspeita da Polícia — nem o DPSP e nem, muito menos, o FBI — porque, conforme já bem ponderou Tia Zulmira:

— A borracha é nossa, mas está na mão do guarda".

DRUMOND FAZ UM APELO

Também se ocupou do assunto o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade, na crônica que publicou no "Correio da Manhã" do dia 23. Com verve e no seu estilo peculiar, Drummond narra as peripécias por que passou um suposto e infeliz João Brandão, carioca do povo, que havia sido convidado pelo dr. Alvaro Americano, secretário do prefeito, a fim de dar um certo ar popular à recepção a Eisenhower. O desventurado Drummond, acabou em mãos da polícia, incurso na Lei de Segurança, razão pela qual o poeta conclui sua crônica fazendo este apelo ao secretário do prefeito: "Dr. Alvaro Americano, telefone por obséquio para o capitão Pinto, pedindo-lhe que solte João Brandão. A DPSP, o FBI e os G-Men podem ficar tranquilos, João não é de nada, e além disso a recepção deve ser popular, pois não?".

Proibido Grande Otelo De Cantar Para Ike!



ção macartista decorrente do fato do artista ter tomado, no passado, posições democráticas, catalogadas pelo FBI como cripto-comunistas ou coisas que o valha?

PROTESTOS

A proibição baixada pelo sr. De Vizenzi, rapaz de boas maneiras, está suscitando indignados protestos. Além das manifestações de políticos, artistas, etc., publicadas pela imprensa, o Sindicato Nacional dos Aerômeros enviou um telegrama de protesto ao ministro do Exterior contra o que chamou de "abastardamento dos nossos costumes e tradições", ao mesmo tempo em que recorda que tais manifestações de racismo estão inseridas como crime, na legislação penal.

Na sessão de segunda-feira da Câmara Federal, o deputado trabalhista José Gomes Talarico protestou veemente contra a discriminação de que foi vítima o artista brasileiro. Vários deputados apertaram o representante trabalhista repelição esta odiosa manifestação de racismo.

O ESPÍRITO ESTUDANTIL

No mesmo tom jocoso é a crônica publicada no "Diário de Notícias", edição de 21 do corrente, no suplemento estudantil "O Metropolitano". O cronista Paulo Alberto, com o característico espírito estudantil, submete a irreverente "gozação" às medidas dilas de segurança adotadas por motivo da visita de Eisenhower.

Estas manifestações, que refletem o espírito irônico do carioca, mostram também como são chocantes para o povo brasileiro as presepadas policiais que cercaram a visita do presidente norte-americano.

À MARGEM DA VISITA DE EISENHOWER ALENTO AOS TRUSTES IMPERIALISTAS E MANOBRA PARA INTERVIR EM CUBA

lar o princípio da não-intervenção. Querem os Estados Unidos que a OEA, ao invés de exigir como hoje 23, permita realizar sanções contra um dos seus membros por maioria simples e até por ação unilateral de outro membro. Segundo Washington, a atual regulamentação da intervenção não é "suficiente" para a defesa da "unidade e estabilidade das instituições continentais".

Esta ativa preparação de uma "cobertura legal" para o ataque a Cuba — diga-se de passagem — desmascara a farsa do apoio verbal do Departamento de Estado à OPA e à luta contra o subdesenvolvimento. Cuba não quer ser desenvolvida e para conseguir-lo tem de tomar medidas contra a

espolação imperialista. Por isso mesmo a brava nação das Antilhas vê articular-se contra ela toda a força da diplomacia imperialista no Continente, e a "visita de cordialidade" de Eisenhower se torna uma tentativa de atrelar o Brasil à "expedição punitiva" preparada contra o povo cubano.

FALTA SOBERANIA

Na verdade, nas condições atuais do Brasil, dificilmente poderia a visita de Eisenhower ter, apenas, um sentido de cordialidade. Para isso seria preciso que nosso país fosse de fato econômica e politicamente soberano, que fosse afastada a possibilidade de pressão política dos grupos econômicos norte-americanos sobre o governo e a opi-

nião pública. Ocorre, entretanto, o contrário: esses grupos econômicos têm amplas possibilidades, sobretudo quando possuem grande soma de recursos, de controlar a imprensa de subornar aberta ou disfarçadamente personalidades da vida brasileira (como a Light por meio dos seus Conselhos de Administração e extensas Consultorias Jurídicas), de interferir nas deliberações e até mesmo na própria constituição dos Poderes Públicos.

Não há melhor exemplo da influência política interna das companhias monopolistas norte-americanas do que o denunciamos em 1957 pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre atividades políticas da Shell e

da Esso do Brasil. Fêz a Comissão um levantamento da distribuição da verba de propaganda da "Esso" para os jornais do Rio e de S. Paulo, verificando que alguns dos órgãos da "grande imprensa", precisamente os que mais se esmeram em seus ataques contra o monopólio estatal do petróleo, são praticamente mantidos pelas fabulosas verbas da Esso. O "Correio da Manhã", "O Estado de S. Paulo" e "O Globo" receberam, em 1957, respectivamente, 5,7, 5,6, e 4,3 cruzados por exemplar do jornal publicado, segundo apurou a citada Comissão.

E este é apenas um caso particular de todo um trabalho de sapa, extenso e amplamente ramificado, dirigido contra os esforços de desenvolvimento e aquisição de consciência política da nação.

Tal trabalho de sapa teve na visita de Eisenhower apenas um incentivo, pois que já existia antes. E um trabalho a que se dedica de corpo e alma o próprio Embaixador Mr. Cabot, que vai ao

Catete Interpelat o Govér. no em favor dos frigoríficos estrangeiros, viaja pelo Brasil inteiro "ensinando" qual deve ser nossa política econômica, intervem nos assuntos internos do país como nenhum outro embaixador no Brasil tem coragem de fazer e como a nenhum embaixador nos Estados Unidos seria permitido fazer.

Os nacionalistas e democratas brasileiros desejam e aprovam todo esforço que seja feito no sentido de aproximar e tornar mais amigos o nosso povo e o povo norte-americano. Mas, para que a visita do Presidente dos Estados Unidos ao nosso país tivesse, realmente, podido contribuir para essa aproximação, teria sido preciso que, antes dela, fosse desmontada toda a máquina de espolação imperialista, que domina o Governo de Washington e está fundamente ancorada em nosso país. Esta máquina desvirtua o sentido da visita e pode transformá-la, pelo contrário, num fator de deterioração das relações entre os dois países.

A propaganda oficial e as agências internacionais de notícias não pouparam esforços nem gastos publicitários para fazer crer que a presença entre nós do Presidente Eisenhower fortaleceria os laços de amizade e a cooperação econômica entre o Brasil e os Estados Unidos, embora insistam, ao mesmo tempo, em que o presidente americano estaria aqui apenas em uma "visita de cordialidade". A realidade, porém, é que esta visita deu motivo a um esforço de origem facilmente identificável, no sentido de que se fortaleçam as posições do imperialismo norte-americano no Brasil, atrelando-se ainda mais a nossa política externa aos interesses dos Estados Unidos.

AMEAÇAS À PETROBRÁS

Com efeito, a visita deu novo alento às manobras dos trustes de petróleo contra a Petrobrás. Nos chamados bastidores do Catete falou-se abertamente em dar corpo agora à célebre tese, lançada há meses na imprensa por Roberto Campos, que pro-

põe a divisão do Brasil em províncias petrolíferas, ficando apenas, o Recôncavo Baiano em poder da Petrobrás, enquanto as demais regiões seriam divididas entre as companhias internacionais de petróleo.

Arma-se a trama, aproveitando a perplexidade do público com a "festa" oficial para receber o presidente americano.

INTERVENÇÃO EM CUBA

Outro resultado, não menos perigoso para o Brasil, é hoje dos mais importantes para o imperialismo americano, está sendo esperado das conversações entre Kubitschek e Eisenhower: é o apoio do Brasil à intervenção americana em Cuba. Segundo o "Correio da Manhã", esta seria mesmo uma das razões da viagem do Presidente Eisenhower à América Latina. O presidente veio buscar apoio para uma reforma do atual sistema jurídico da Organização dos Estados Americanos (OEA) no sentido de anu-

SÃO PAULO: POVO DEFENDE NAS RUAS ESCOLA PÚBLICA

Reportagem de MOACIR LONGO

Em todo o Estado de São Paulo continuam as manifestações dos estudantes, intelectuais, professores, cientistas, organizações sindicais, enfim de todas as camadas da população, contra o projeto de diretrizes e bases da educação nacional, aprovado pela Câmara Federal e que já se encontra no Senado da República. As manifestações de protesto do povo paulista, feitas através das suas organizações mais representativas, se baseiam em que, com a transformação do projeto em lei, os dinheiros públicos não servirão para ampliar e aperfeiçoar o ensino gratuito, mas para colocar os mercados do ensino em posição de privilégio, no setor da educação nacional.

MANIFESTO DAS ENTIDADES

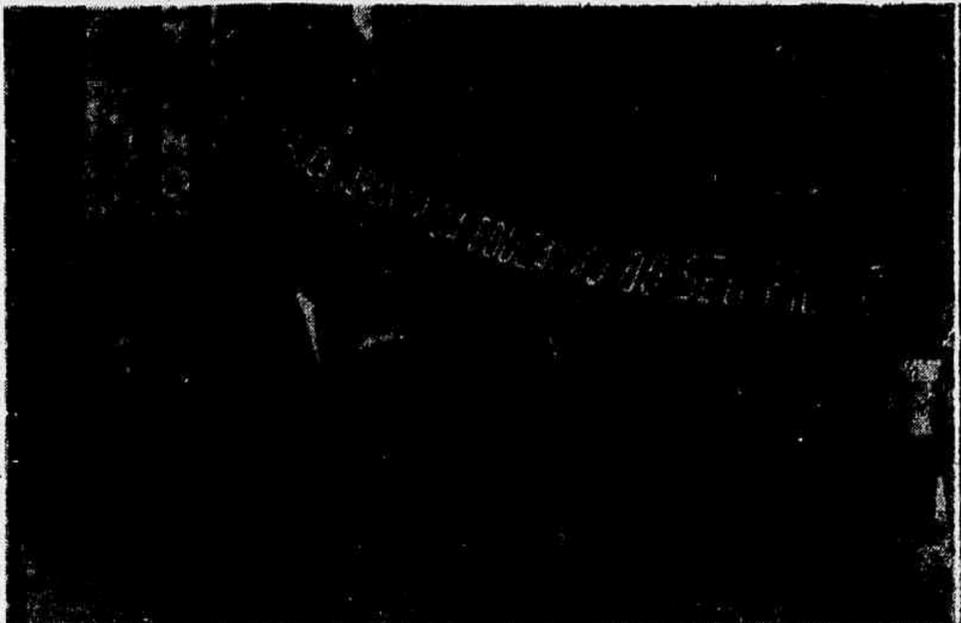
A primeira batalha desencadeada contra o projeto que os estudantes classificaram de "lacerdistas", foi do esclarecimento da opinião pública. Neste sentido, grande número de entidades tornou públicas, através da imprensa, manifestos analisando os aspectos mais negativos da proposição aprovada na Câmara, exigindo do Senado sua rejeição, e concitando a população a protestar de todas as formas para que a es-

cola pública e gratuita não seja esmagada. A União Estadual dos Estudantes, em seu manifesto dirigido ao povo, analisa o problema, partindo de que os grandes prejudicados serão os setores mais humildes do povo, principalmente os trabalhadores, que mal ganham para o sustento, sem condições de pagarem altos preços para educar seus filhos. Diz o documento da UEE: "Somente a escola pública permite que seu filho estude num bom estabelecimento, sem gastar; a escola pública é democrática, onde todos podem entrar, onde pode estudar o rico e o pobre", e conclui: "portanto, precisamos defender a escola pública, porque estaremos defendendo a educação de nossos filhos. Se nada fizermos, não poderemos, amanhã, reclamar, ao vermos nossos filhos sem escolas".

Já o manifesto dos físicos nucleares encara o problema através do outro prisma, quando diz: "O favorecimento da escola privada em prejuízo da escola pública trará trágica contribuição ao retardamento do desenvolvimento econômico do Brasil. A indústria moderna requer, além de técnicos altamente especializados, um grande número de técnicos de grau médio. O golpe vi-

brado na escola pública pelo projeto de diretrizes e bases cortará drasticamente o número de jovens instruídos e aptos para se transformarem nos técnicos de que o Brasil carece para sua emancipação econômica". Assinam este documento, cientistas de projeção, como César Lattes, Mário Schemberg, Walter Schutzer e outros.

Lançaram, também, manifestos, que toda a imprensa de São Paulo publicou, a União Paulista dos Estudantes Secundários, a União Brasileira dos Escritores (seção de S.P.), o Movimento de Arregimentação Feminina, a APESNOESP, todos os sindicatos operários, através do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, o Centro do Professorado Paulista, Associações de Ex-Alunos de várias Faculdades, quase todos os Centros Acadêmicos e outras entidades. A Câmara Municipal de São Paulo, por unanimidade, aprovou requerimento contrário ao projeto. Portanto, a batalha de esclarecimento do povo não só ganhou rapidamente as ruas através de todos os meios de divulgação como ainda prossegue com grande intensidade, e foi ligada também aos protestos contra a aprovação do projeto de diretrizes e bases.



Os estudantes paulistas desenvolvem grande atividade, procurando esclarecer a população da criminalidade atitudinal dos deputados que aprovaram o projeto liquidando o ensino público.

A CIDADE FOI TODA PINTADA

Prosseguindo na campanha contra o projeto de diretrizes e bases, os estudantes universitários e secundários lançaram o que eles chamaram de "operação-pixe". Mobilizaram as forças de que dispunham em período de férias, e saíram à rua com pincéis e latas de tinta em punho para executar a "operação". Em 3 dias, os moços e moças que estudam pintaram toda a cidade, fato que teve a mais ampla repercussão no meio do povo, contribuindo para despertar o perigo que paira sobre a escola gratuita e a educação dos seus filhos. Lançaram também a "operação-relâmpago", constante da realização de vários comícios-relâmpago diários, nos pontos de maior concentração

popular da cidade, contando sempre com a participação ativa dos professores e dirigentes sindicais, e completo apoio do povo, que os ouve e os aplaude.

COMÍCIOS E DEBATES PÚBLICOS

Além do trabalho de esclarecimentos, através da imprensa, dos manifestos, pinturas nos muros, tapumes e calçadas, as organizações que lideram a luta contra o projeto de diretrizes e bases têm realizado uma série de comícios, onde discutem mais detalhadamente os problemas gerais do ensino com o povo, participam de assembleias de várias organizações, não só na capital, mas também no interior. Participaram de duas mesas redondas patrocinadas por emissoras de televisão. Nestas pa-

lestras, conferências e debates públicos tem sido destacada a presença dos eminentes educadores Almeida Junior e Florestan Fernandes.

ABAIXO-ASSINADO MONSTRO

As entidades que encabeçam a campanha pensam que não basta mostrar ao povo a sua posição em relação ao problema de ensino, mas é necessário chamar toda a população a participar de uma luta que lhe interessa de perto. Viu-se que a forma mais acessível seria a coleta de assinaturas para um abaixo-assinado-monstro a ser levado por uma ampla caravana de estudantes, professores e líderes sindicais ao Senado, juntamente com um substitutivo que será oferecido ao projeto pela Comissão Paulista de Defesa da Escola Pública, constituída pelas organizações participantes da campanha. Para este fim, já estão sendo diariamente para as ruas comandas com mesulhas para obtenção das firmas do povo paulista. Os abaixo-assinados já contam com mais de 10 mil assinaturas, mas os líderes do movimento desejam recolher mais de 100 mil.

gritantemente nocivos do projeto, elaborando, ao mesmo tempo, um substitutivo no sentido de aperfeiçoá-lo, resguardando o monopólio do Estado sobre a orientação do ensino, conforme dispositivos constitucionais. Resolven, ainda, enviar uma ampla comissão, junto com as demais organizações, ao Senado, a fim de fazer chegar até os senadores os pontos de vista do povo paulista contrários ao projeto como está.

Enquanto isso, a UPES prepara com todo cuidado seu Conselho Estadual de Presidentes para os dias 23, 24 e 25, a fim de discutir o problema, bem como as medidas relacionadas com a decretação da greve geral no Estado, contra o aumento das taxas escolares, atendendo à resolução do último conselho da UBES.

Apoio do PTB a Conferência de Havana

Várias importantes moções foram aprovadas na Convenção do PTB. Destacamos as seguintes:

— de apoio à Conferência das Países Subdesenvolvidos, convocada pelo Governo cubano e recomendando aos deputados e senadores trabalharem que "desfalem nas duas Casas do Congresso uma campanha em terras pelo comparecimento ao Brasil à Conferência de Havana, a fim de se combater as demandas pelas subdesenvolvidas do hemisfério na luta contra o imperialismo que os explora e oprime".

— de repúdio aos atentados contra os direitos sindicais, particularmente o ditado de greve. Referência especial foi feita à recente greve contra a carestia em São Paulo, considerada ilegal pelo ministro Armando Falcão.

— de denúncia das "nacionalizações" de empresas estrangeiras, como a São Paulo. Devidamente recomendando aos parlamentares do PTB que denunciem como atos suspeitos e lesivos aos interesses nacionais as "nacionalizações simuladas de empresas como a Standard Oil e a Light and Power".

CONSELHOS DA UEE E UPES

Realizou-se no dia 13 p.p. o Conselho Estadual da UEE, com a participação de 46 CCAA, de todo o Estado de São Paulo. Depois de prolongados e acalorados debates, a entidade máxima dos universitários bandeirantes resolveu apoiar a palavra de ordem do Conselho Nacional da UNE, de greve geral nacional, se necessário, para defender a escola pública ameaçada. Resolven, ainda, continuar a campanha popular contra o projeto de diretrizes e bases, constituir uma comissão especial para apreciar os pontos mais

vadas entram com apenas 12%.

4º — No Parágrafo do artigo 10 se especifica que: «Na escolha dos representantes para os Conselhos Estaduais de Educação será observado o critério da proporcionalidade entre estabelecimentos públicos e privados, assegurada a representação dos professores e de diretores de estabelecimentos dentro dos diferentes graus de ensino». Pala-se em proporcionalidade quando sabemos que 72% dos estabelecimentos de ensino secundário estão nas mãos dos particulares e que é neste ciclo que se realiza a triagem de classe, responsável pela exclusão de alunos pobres dos bancos escolares (de 5.500.000 matriculados no curso primário chegam ao secundário 800.000 e apenas 80.000 ao superior). Por outro lado ao falar em proporcionalidade entre os estabelecimentos não define o que sejam estes (não se refere ao número de matriculados, se o corpo docente é efetivo ou interino, se é facultade

autorizada ou reconhecida). Tudo é classificado como estabelecimento e como tal influi na proporção de representantes e fornecem eleitores. Acrescentaríamos a isso a legalização dos conselhos em que tenham assento os representantes das escolas privadas, como tal, sempre tendo em mira exclusivamente os seus próprios interesses financeiros e nunca a solução dos problemas educacionais que logicamente devem estar afetos aos técnicos em educação voltados, exclusivamente, para pesquisas pedagógicas.

5º — O artigo 19 dispõe: «Não haverá distinção de direitos para qualquer fim entre os estudos realizados em estabelecimentos oficiais e os realizados em estabelecimentos particulares reconhecidos».

Isto significa a equiparação da Escola privada à pública nos favores do Estado. Sabemos no entanto que o aproveitamento nas escolas públicas é muito maior desde que a oferta é menor do que a procura.

Porque a Escola Pública Está Ameaçada

Amplia-se em todo o país o movimento estudantil e popular orientado no sentido de fazer com que o Senado modifique certos artigos do projeto de Lei de Diretrizes e Bases aprovado pela Câmara que significam um passo a mais para a liquidação da Escola Pública em nosso país. Quais são estes artigos?

1º — O artigo 3, alínea II, diz que: «o direito a educação é assegurado a todos pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e na falta desta os demais membros da sociedade, se desobriguem dos encargos da educação quando provada a insuficiência de meios, de modo que sejam assegurados iguais oportunidades a todos».

Em um país onde cerca de 7 milhões de crianças entre 7 e 14 anos ficam sem escolas isso significa, na prática, desviá-las seguramente para os cofres dos estabelecimentos privados. Quem são os demais membros da sociedade? A Igreja? As escolas particulares? O projeto aprovado pela Câmara contradiz o texto constitucional quando este em seus artigos 167, 168, 169, 171 especifica que o Estado deve garantir ensino gratuito a todos, no ciclo primário, e aos carentes de recursos nos ciclos médio e superior. Isto é, cabe ao Estado ampliar mais e mais sua rede de escolas públicas abrindo novas unidades em toda a Federa-

ção e dando maior capacidade as que já existem, e nunca fornecendo recursos para a família ou demais membros da sociedade para que estes se desobriguem dos encargos educacionais.

2º — O artigo 96, letra a, especifica: «A União dispensará sua cooperação financeira ao ensino sob a forma de a) subvenção, de acordo com as leis especiais em vigor... Esse tipo de subvenção acarretou aos cofres públicos no ano de 1959 um ônus de 2 bilhões de cruzeiros canalizados para os estabelecimentos particulares. Um exemplo dessa proteção é o que pode ocorrer agora caso seja aprovado o projeto de lei atualmente em discussão na Câmara concedendo 70 milhões de cruzeiros a escolas católicas. Em um país onde o Estado não atende ainda, num mínimo, as necessidades da educação popular, onde a falta de escolas é ainda aprovada pela precariedade das instalações das existentes, onde a maioria da população é analfabeta da qual milhões de crianças em idade escolar, a doação do dinheiro público às empresas que se dedicam a esse comércio educacional é golpe mortal na Escola pública.

3º — O artigo 93, parágrafo 1º, diz que: «Com nove décimos dos recursos federais destinados à educação serão constituídos em parcelas iguais o Fundo Nacional de En-

sino Primário, o Fundo Nacional de Ensino Médio e o Fundo Nacional de Ensino Superior». Existem 12 milhões de crianças em idade escolar. Destas só 5.500.000, aproximadamente, conseguem matrículas. No ensino médio vamos encontrar um milhão de alunos e 70 mil no ensino superior. Logo, a distribuição só aparentemente é igualitária. Na realidade proporciona uma ajuda 6 vezes menor ao ensino primário se comparado com o secundário e mil vezes maior se comparado ao superior. Não é, pois, por acaso que o ensino particular incide com tanta ênfase sobre o ensino de nível secundário onde detém 72%, seguido do superior com 54%. No ciclo primário, onde as necessidades são maiores, as escolas pri-

Porque é Necessário Defender a Escola Pública

Em face da ameaça que pesa sobre a Escola pública é necessário defendê-la porque:

1º — É A MAIS DEMOCRÁTICA: Sem preconceitos religiosos, econômicos, de classe ou raça, sem finalidade de lucro, baseada apenas nas normas constitucionais, é a única que por sua estrutura e finalidade está capacitada a sistematizar o ensino geral do povo. Ela não investiga

sobre a classe social do candidato, não questiona a respeito de sua religião, não verifica a cor e a nacionalidade.

2º — Atende melhor aos interesses de nosso povo; uma vez que o ensino público é que fornece 88% do ensino primário, básico no atendimento das maiores camadas de nosso povo, onde a iniciativa particular não é estimulada a inverter pelo baixo rendimento de seus lucros,

3º — Não é exclusiva. Abrindo suas portas a todos indistintamente, ela não transforma a educação e a cultura num privilégio de ricos e aristocratas, o que pode ocorrer se ela for liquidada. Haja visto o aumento abusivo das taxas e anuidades escolares nos estabelecimentos particulares, cujos donos são verdadeiros comerciantes do ensino.

AOS LEITORES

NOVOS RUMOS completa um ano de vida. Foi um ano em que, apesar das falhas e deficiências, esforçamo-nos por cumprir os propósitos com os quais nos apresentamos aos leitores. Tomos cuidado sempre desempenhar o papel que nos cabe, de órgão de difusão do pensamento da vanguarda da classe operária, integrado na frente unitária das forças nacionalistas e democráticas.

As experiências de um ano de vida nos permitiram um esforço no sentido de melhor cumprirmos nossa missão. E recebemos, para esse fim, valiosa colaboração dos leitores, através de centenas de respostas ao nosso questionário e das opiniões transmitidas nas reuniões realizadas no Rio e em São Paulo. Na base de tudo isso, serão feitas modificações que assinalarão nova fase de NOVOS RUMOS. E essa nova fase se iniciará com uma edição especial, de 20 páginas, dedicada ao nosso aniversário.

Na semana de Carnaval, NOVOS RUMOS não circulará. Voltaremos, assim, a circular (dando início à nova fase) no próximo dia 10 de março.

Agradecendo a colaboração prestada pelos leitores, com as opiniões que nos transmitiram pessoalmente e através de cartas, esperamos que esta ajuda possa ser sistemática. Isto é, que nos enviem permanentemente suas sugestões e críticas a fim de que possamos, no decorrer de nosso trabalho, ir corrigindo as falhas e deficiências.

Golpe de mágica do governo Indiano

Kerala: Comunistas Aumentam Votos e Perdem Cadeiras!

A imprensa de aluguel saudou como uma grande «vitória democrática» as recentes eleições parlamentares em Kerala, único Estado da Índia que teve um governo constituído por comunistas e democratas. Em 1957, depois que os comunistas conquistaram pelo voto popular 65 das 126 cadeiras do parlamento, ofereceram participação no governo para todos aqueles grupos que quisessem lutar por um programa comum incluindo os seguintes pontos: reforma agrária, industrialização, legislação trabalhista para a cidade e o campo, reformas democráticas e eliminação do analfabetismo. Este o programa que os comunistas e independentes estavam realizando quando foram afastados do poder por pressão dos latifundiários e grandes capitalistas do Partido do Congresso, do primeiro ministro Nehru.

Cerca de oito milhões de eleitores, 85% do total, tomaram parte no pleito, um dos mais disputados de Kerala. Desses oito milhões, três milhões e meio votaram pelos comunistas e independentes, isto é, quase metade dos eleitores se manifestaram pela volta ao poder do governo arbitrariamente derubado por Nehru. A aliança anticomunista, formada pelo Partido do Congresso, o Partido Praja Socialista e a Liga Muculmana, além dos católicos e outros grupos reacionários, obteve quatro milhões e trezentos mil votos. Apesar disso, os comunistas e aliados fizeram apenas 29 deputados, vinte e seis comunistas e três independentes, e a aliança 97, 65 para o Partido do Congresso. Como foi feito este passe de mágica?

deputado, o que não era permitido pela legislação anterior. Dêsse modo, os distritos em que a vitória da aliança estava assegurada, ou em que ela conseguiria o segundo lugar foram escolhidos para eleger dois deputados. Os outros elegeriam apenas um.

Além disso, os três partidos dividiram previamente entre si as cadeiras, apenas um candidato indicado por um deles concorrendo em cada distrito. Com isso, as oportunidades dos candidatos comunistas e independentes se reduziram e o verdadeiro desejo das massas era desvirtuado.

Outras «recursos eleitorais» mobilizados para derrotar os comunistas foram a utilização maciça de dinheiro, funcionários e viaturas do Estado para fazer a propaganda dos candidatos da aliança. Basta dizer que mais de 1.000 veículos foram trazidos de outros Estados para fazer campanha em Kerala. A polícia era lançada contra comícios e manifestações, espancando e assassinando comunistas e democratas. Os próprios governantes hindus, inclusive Nehru, percorreram o estado, aproveitando todos os pretextos para fazer anticomunismo.

ENSINAMENTOS

Numa declaração publicada depois das eleições, o Partido Comunista, após assinalar o verdadeiro significado do pleito, afirma: «Embora as forças demo-

cráticas e nosso Partido sejam consideravelmente fortes em Kerala, eles ainda não o são para superar a combinação de todas as forças reacionárias e comunais para conseguir uma vitória eleitoral. Naturalmente, os ensinamentos necessários terão que ser tirados para acabar com esta deficiência».

Salienta a declaração que as forças do partido cresceram consideravelmente em comparação com 1957. Naquela ocasião, os comunistas obtiveram dois milhões e cem mil votos, tendo conseguido quase 3 milhões agora, o que representa um crescimento de quase 45%. O mesmo aconteceu com as forças democráticas em geral, que passaram de dois milhões e trezentos mil a três milhões e quinhentos mil. A força dos comunistas e democratas é tão grande que os próprios membros da aliança anticomunista tiveram que reconhecê-la. Assim é que o sr. Shankar, presidente do Partido do Congresso em Kerala, disse que não há «motivo para alegria», pois «considerável parcela do eleitorado continua apoiando firmemente o Partido Comunista». O mesmo fato foi reconhecido em termos mais claros pela revista conservadora «Link»: o Partido Comunista «ainda é a maior força política de Kerala». Exatamente por isso é que contra ele se uniram todas as forças reacionárias da Índia, para evitar que o movimento iniciado em Kerala se estendesse por todo o país.

Unidade Das Forças Populares Nas Eleições Equatorianas

Continua ganhando terreno no Equador a coligação de forças anticorruptoras, visando a eleger um candidato não comprometido com as forças reacionárias e ligadas ao imperialismo para a presidência da República no pleito de junho deste ano. A coligação anticorruptora é promovida pelos Partidos Comunista e Socialista e pela Coligação da Força Popular, apoiada por numerosas entidades, sindicais, estudantis e grupos políticos.

tém que dar ao Estado. Defesa das riquezas naturais do país.

Combate aos abusos em países do mundo a defesa dos preços dos produtos de exportação.

Aumento dos salários dos operários e empregados. Combate à elevação dos preços dos artigos de primeira necessidade.

Ampliação e aperfeiçoamento do sistema de previdência social.

Luta sistemática contra o analfabetismo. Defesa e ampliação do sistema escolar público e laico.

3. DEFESA E FORTALECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS

Defesa das liberdades de voto, imprensa, de organização e pensamento.

Respeito e ampliação dos direitos dos operários: direito de greve, de associação, de manifestação, etc.

4. DEFESA DA SOBERANIA E DA INDEPENDÊNCIA NACIONALIS

Contribuir para a paz e o desarmamento internacionais. Ampliação de todos os tratados que ligam o Equador à política de guerra do imperialismo, principalmente do Tratado de Ajuda Militar do Rio de Janeiro e do Pacto Militar com os Estados Unidos.

Defesa da integridade do território nacional procurando a revisão por meios pacíficos do injusto Protocolo do Rio de Janeiro.

Eliminação de todas as emissões técnicas e de outro gênero que controlam a educação, a economia e outros setores do país.

Restrição dos empréstimos estrangeiros aos indispensáveis para o progresso do país e àqueles que não afetem sua soberania.

O manifesto do Partido Comunista do Equador termina com um apelo à unidade de ação de todas as forças anticorruptoras para eleger um candidato popular que defenda os interesses nacionais e a elevação do nível de vida dos trabalhadores equatorianos.

MANOBRAS REACIONÁRIAS

Utilizando os poderes amplos que a intervenção federal no Estado de Kerala fornece, o governador indicado pelo Partido do Congresso modificou as leis eleitorais, de modo que fosse possível a um distrito eleger mais de um

para adquirir a fábrica e o hotel particular de seus patrões norte-americanos: consórcio Ford, Standard Oil of New Jersey e Serviço de Espionagem dos Estados Unidos. O associado alemão de ambos os trustes americanos era o monopólio da indústria química «I.G. Farben», ligado à Standard Oil desde 1929 por um contrato entre cartéis.

A missão de Spanknöfel, que estabeleceu relações novas entre os consórcios alemães e norte-americanos, valeu-lhe rapidamente boa convivência com os dirigentes nazistas de Dresde. Permitiram-lhe que continuasse com seus negócios durante a guerra, dado que fornecia aos nazistas informações norte-americanas sobre a União Soviética. Por outro lado, dava ao Serviço Secreto norte-americano notícias relativas à Alemanha. Sua fábrica em Dresde abastecia o exército nazista com aparelhos de ótica para os bombardeiros.

Agente Norte - Americano Ajudou a Destruir Dresde

Dresde, a célebre cidade alemã dos museus e teatros, das universidades e igrejas, possui, há alguns anos, mais um monumento. Este, que se eleva defronte à Prefeitura, representa uma mulher em traje de trabalho. É dedicado às mulheres de Dresde que, mal havia cessado o último tiro, começaram a livrar a cidade dos escombros. Por sua beleza arquitetônica e sua situação privilegiada no vale do Elba, Dresde era chamada a «Florença do Elba». Ao terminar a guerra era a cidade de toda a Alemanha que, em relação ao número de habitantes, continha mais ruínas.

Dois bombardeios, com a duração de apenas 56 minutos, realizados por 1.800 aviões americanos e ingleses, transformaram, a 13 de fevereiro de 1945, a bela cidade florescente em um montão de escombros. Durante cinco dias a cidade foi presa das chamas. 35.000 pessoas, no mínimo, perderam a vida. Nunca foi possível determinar, com exatidão, o número de vítimas, já que, além dos 600.000 habitantes, havia na cidade cerca de 1.000.000 de refugiados que não constavam em registro algum. Das 220.000 moradias, 75.000 foram totalmente destruídas e cerca de 100.000 bastante avariadas, 47 hospitais, 21 igrejas e muitas obras de arte insubstituíveis desapareceram para sempre.

DADOS BIOGRÁFICOS DE UM AGENTE DOS ESTADOS UNIDOS

Um cidadão chamado Charles A. Noble, nos E.U.A. e Spanknöfel na Alemanha, teve participação especial na destruição de Dresde. Procedente dos Estados Unidos, chegou a Dresde, em 1936, e comprou uma pequena fábrica de câmaras fotográficas, e um suntuoso hotel particular nas imediações de Dresde, o qual possuía um pequeno belvedere, de onde se dominava toda a cidade no vale do Elba. Spanknöfel recebera o dinheiro

para adquirir a fábrica e o hotel particular de seus patrões norte-americanos: consórcio Ford, Standard Oil of New Jersey e Serviço de Espionagem dos Estados Unidos. O associado alemão de ambos os trustes americanos era o monopólio da indústria química «I.G. Farben», ligado à Standard Oil desde 1929 por um contrato entre cartéis.

A missão de Spanknöfel, que estabeleceu relações novas entre os consórcios alemães e norte-americanos, valeu-lhe rapidamente boa convivência com os dirigentes nazistas de Dresde. Permitiram-lhe que continuasse com seus negócios durante a guerra, dado que fornecia aos nazistas informações norte-americanas sobre a União Soviética. Por outro lado, dava ao Serviço Secreto norte-americano notícias relativas à Alemanha. Sua fábrica em Dresde abastecia o exército nazista com aparelhos de ótica para os bombardeiros.

Um pouco antes de terminar a guerra, a 6 de fevereiro de 1945, quando o exército soviético já penetrava na Alemanha, realizou-se em Londres uma conferência de altas patentes militares dos Estados Unidos e Inglaterra, que resolveram destruir Dresde, com a finalidade de deter o avanço do exército soviético. Por meio de uma emissora especial, Spanknöfel lhes informou que a cidade não dispunha de baterias antiaéreas e nem de aviões de caça. Decidiu-se, assim, pelo bombardeio de Dresde a 13 de fevereiro. Spanknöfel avisou, com antecipação, a seus amigos nazistas de modo que os dirigentes hitleristas não estavam na cidade quando foi bombardeada. Evitando também o bombardeio, Spanknöfel mais tarde se dirigiu para os Estados Unidos, onde adotou o nome de Charles A. Noble, o qual usava anteriormente, até 1936.

RENASCIMENTO DE DRESDE

Dresde é hoje uma das 14 capitais de pro-

vinça da República Democrática Alemã. A reconstrução desta cidade é um símbolo da nova vida que impera em todo o país. Desde 1945 foram construídas ou reconstruídas 100.000 habitações residenciais, e se prevê a construção, até 1965, de 30.000 novas. Já foram restaurados numerosos centros de cultura, como, por exemplo, o célebre «Zwinger» e a catedral. Na reconstrução desta cidade foram investidos só durante os dois últimos anos, atualmente há 55 igrejas em Dresde. A cidade possui 6 escolas superiores, entre as quais a Escola Técnica Superior, em que estudam 10.000 alunos.

As obras de arte salvas pelos soldados soviéticos das desordens que se seguiram à guerra foram restituídas pela União Soviética há três anos, devidamente restauradas. Desde então mais de 2 milhões de

pessoas da Alemanha e do estrangeiro, visitaram a famosa Galeria de Pintura de Dresde.

A cidade se transformou, além disso, em centro da jovem indústria aeronáutica da República Democrática Alemã, e de pesquisas destinadas ao emprego pacífico da energia atômica. Perto de Dresde se acha o primeiro reator atômico da República Democrática Alemã.

A fábrica do agente Charles A. Noble, uma das 700 que a cidade possui, é hoje de propriedade do povo. Há alguns anos Noble reclamou, por meio de um advogado da Alemanha Ocidental, uma indenização pela expropriação da fábrica. Os trabalhadores de Dresde se enforcaram. Um deles afirmou em uma assembléia: «Reconstruímos Dresde. Hoje a fábrica nos pertence e um criminoso como Noble jamais receberá nenhum marco».



Quinze anos depois de sua destruição pelos aviões ingleses e norte-americanos, Dresde já foi quase que inteiramente reconstruída. Nessa reconstrução um papel importantíssimo foi desempenhado pelas mulheres da cidade, cujo sacrifício foi homenageado com a construção de uma estátua à mulher de Dresde.

Poucos dias antes da expulsão dos nazistas de Dresde pelo Exército Soviético os comandos militares inglês e norte-americano resolveram «limpar» a cidade. Mas o objetivo do bombardeio efetuado por aviões dos dois países não eram os centros militares nazistas. Contando com um agente em Dresde, os comandos militares imperialistas deram ordens para arrasar a cidade, não fazendo qualquer distinção entre civil e militar: a destruição foi quase total.

Dia Da Omissão Em Minas

Entre outras importantes resoluções, a II CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL recomendou que, por todo o país, as entidades sindicais promovêssem, tão logo se instalasse a sessão extraordinária do Parlamento Nacional, em janeiro, vigorosas ações de massas a fim de fazer chegar, até o Executivo Federal, o seu descontentamento em face da alarmante carestia de vida, bem como suas sugestões para combatê-la eficazmente, — e até o Senado os seus reclamos pela rápida aprovação dos projetos de REGULAMENTAÇÃO DO DIREITO DE GREVE e da LEI ORGÂNICA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, já aprovados pela Câmara dos Deputados, instando, ainda, junto a ambas as Casas do Congresso, para que aprovem o Plano de Reclasseificação do Funcionalismo público.

Voltando da Conferência, os dirigentes sindicais mineiros, de todos os graus, trataram, desde logo, de levar à prática a oportuna decisão.

Através de reuniões convocadas pelos seus órgãos de cúpula — Comissão Executiva do III Congresso Sindical de Minas Gerais, Delegacia da CNTI e outros, — sob o comando da primeira, planejaram e desenvolveram sua atividade, de modo a garantir o pleno êxito das realizações programadas.

Determinou-se, inicialmente, a data de 21 DE JANEIRO como DIA DO PROTESTO E DA OMISSÃO. Organizaram-se, a seguir, as diversas comissões que tomariam a seu cargo a execução das tarefas preparatórias. Cada qual aceitava a missão que lhe era confiada, com alto senso de responsabilidade. E foi justamente isso o que assegurou a vitória da grande jornada popular: — o espírito de equipe e esse senso de responsabilidade. Os trabalhos de propaganda, de arrecadação de fundos, de relações públicas, de preparação da concentração foram fielmente cumpridos.

O entusiasmo ia contagiando a todos. Tra-

balhadores e estudantes, unidos, passaram a contar com o apoio da população, à medida que as finalidades do movimento iam-se tornando conhecidas.

A cotização das entidades sindicais rendeu Cr\$ 30.000,00. E foi apenas com esse minúsculo dinheiro e com o trabalho dedicado das comissões, que se mobilizou toda a cidade de Belo Horizonte. Cartazes e faixas se fizeram, com a própria aparelhagem dos sindicatos. Boletins aos milhares. Conversas nas fábricas, assembleias, etc. A imprensa e o rádio colaboraram. Entrevistas e enquetes se sucediam. Algumas entidades, entre elas o Centro dos Choferes, ofereceram carros que, munidos de alto-falantes, correram o centro e os bairros e vilas. Os estudantes, na sede central do D. C. E., todo dia e o dia todo esclareciam e convocavam a população, por meio de alto-falante. Uma equipe numerosa supriu as deficiências da propaganda (só tínhamos trinta mil cruzeiros), distribuindo entre si os assinantes de telefones, pela ordem alfabética. Assim, durante vários dias, conversaram com inúmeros chefes de família e donas de casa, explicando a finalidade da promoção, desfazendo equívocos e boatos, e solicitando e obtendo o apoio de todos, com raras exceções. Trabalho "ridicularizado" por muito "especialista" mas que deu um grande resultado. E nenhuma despesa...

O DIA DO PROTESTO E DA OMISSÃO foi se tornando assunto dominante nas ruas, nas oficinas, nos lares, por toda parte. Notícias tendenciosas e alarmantes foram logo atalhadas pela direção do movimento e por altas autoridades, como o Secretário de Segurança Pública, o General Comandante da IV-DI e o Delegado Regional do Trabalho, que, demonstrando espírito democrático e compreensivo, reconheceram, em entrevistas à imprensa, a legalidade das manifestações programadas.

O êxito foi completo. No dia 21 de janeiro, o

Armando Ziller

povo não fez compras. Visitantes, que acaso ignorassem o que se passava, tinham a impressão de que Belo Horizonte se via a braços com grave crise comercial. As lojas estavam desertas e, nas ruas, o movimento decaiu notadamente. Toda a imprensa reconheceu o êxito da Campanha e o próprio Repórter Esso foi forçado a registrar o fato, que excedeu à expectativa até do comando sindical. As vendas comerciais caíram de cerca de 80%! O povo participou conscientemente da Omissão. Embora sabendo que o fato de não fazer compras, por um dia, pouco significaria, em si, todos compreenderam que se tratava de uma atitude que haveria de ter, como teve, grande repercussão nos setores mais responsáveis da administração pública, alertando-a para que se tomasse, com urgência, medidas que detinham realmente a constante elevação do custo de vida. Sem descambar para a oposição ou o combate desorientado ao Governo, o povo soube dar esse cunho de descontentamento e alerta à vitoriosa jornada, que terminou, de noite, com uma grande CONCENTRAÇÃO POPULAR, no Auditório da Rádio Inconfidência, incapaz, todavia, de conter a multidão que ali compareceu (cerca de 5.000 pessoas), portando faixas e cartazes de sindicatos, organizações estudantis e de bairros, com as reivindicações da hora: — Direito de Greve, Previdência Social, custo de vida, salários, ensino gratuito em todos os graus, encampação da Bond & Share e da Telefônica, contra a remessa de lucros para o exterior, nacionalização dos Bancos de depósitos, relações com todos os países, etc., etc.

Uma grande faixa tarjada dominava o palco. Era uma homenagem dos trabalhadores mineiros ao companheiro RUBEM MACIADO, dirigente dos operários da construção civil, de Volta Redonda, dias antes

bárbaramente assassinado. A sua memória, a grande assistência rendeu um minuto de silêncio, aprovando, ainda, uma calorosa mensagem de solidariedade ao proletariado irmão de Volta Redonda. O companheiro Cândido Siqueira, delegado da CNTI e presidente da Federação dos Trabalhadores na Construção Civil de Minas Gerais, (Conclusão da 8ª Página) pronunciou sentido improviso, exaltando a figura do companheiro que tombou e exigindo justiça em nome da classe operária.

O grande comício, decorrido em meio ao maior entusiasmo, encerrou-se com a aprovação de um memorial ao presidente da República, em que se expunham, com franqueza e serenidade, o descontentamento geral e as medidas que o povo espera sejam tomadas pelo Governo, a fim de barrar a alta do custo de vida, de garantir o Direito de Greve, de reorganizar e sanear a Previdência Social, medidas essas todas constantes das Resoluções da II Conferência Sindical Nacional. Telegramas e abaixo-assinados continuam sendo expedidos ao presidente e vice-presidente da República, aos líderes de bancadas, na Câmara e no Senado, e aos Senadores de Minas Gerais, nesse mesmo sentido. Foi constituída uma comissão de dirigentes sindicais para transmitir ao Governador do Estado e a outras autoridades, o pensamento dos trabalhadores e sua disposição de colaborar na execução de medidas concretas para conter a carestia.

Durante a concentração, foi exaltada a pessoa do marechal Teixeira Lott, por suas recentes declarações em defesa do direito de greve. Ao mesmo tempo, foi estrepitosamente vaiado o deputado Carlos Lacerda, autor do projeto de estrangulamento do ensino.

Resolveu, ainda, o povo, continuar a luta tão bem encetada, articulando-se com o movimento nos demais Estados, até que o objetivo comum seja atingido. Dezenas de delega-

ções sindicais, de cidades próximas e distantes, compareceram à concentração que teve, assim, amplitude estadual.

Além disso, em Juiz de Fora e em outras cidades realizaram-se concorridos atos públicos. Em Nova Lima, o prefeito, a Câmara e a Associação Comercial aderiram ao movimento, tendo o comércio cerrado suas portas no dia 21. Em Raposos, da mesma forma, o êxito da manifestação foi completo. Em Montes Claros, em decorrência do movimento contra a carestia, prefeito, Câmara, sindicatos e população em geral quebraram o monopólio da distribuição da carne no município e impediram que seu preço fosse elevado.

Assim correu, vitoriosamente, o Dia do Protesto e da Omissão em Minas.

Apenas uma ocorrência a lamentar. A não participação do grupo do comércio, filiado à CNTC, no movimento recomendado pela II Conferência Sindical Nacional, com o voto favorável de todos eles. Estão certos os demais trabalhadores de que a ausência daqueles companheiros se prende a algum equívoco, infelizmente não esclarecido em tempo, mas que, por certo, se removerá, sem maiores dificuldades, de sorte que as futuras ações sindicais voltem a contar com a sua prestigiosa e indispensável participação.

Comitê em Florianópolis

FLORIANÓPOLIS (Do correspondente) — No distrito de Estreito foi instalado o comitê pró-candidatura Lott, participando de sua direção os Srs. Vidalvino Francisco da Rosa, Valdemiro da Luz e Neri Passos Simas.

PTB: Nacionalismo Vencerá em Outubro

(Conclusão da 3ª Página) Tutores reacionários e entreguistas do Governo, tendo à frente Armando Falcão.

CAMPANHA NAS RUAS O afastamento de Lott do Ministério da



DESENVOLVIMENTO INDEPENDENTE

RESPOSTA AO LEITOR JOAQUIM OLIVEIRA BASTOS (JABOATÃO — PERNAMBUCO)

Diz o leitor, em carta a esta seção, que não tem uma idéia bastante clara do que seja o desenvolvimento econômico independente do país, pedindo por isso que o assunto seja aqui abordado. E o que procuraremos fazer, de forma muito resumida.

Desenvolvimento independente é aquele que leva ao progresso material do país sem que se acentue a sua subordinação em relação aos monopólios estrangeiros mas, ao contrário, leve à nossa emancipação econômica e política em face do imperialismo e, como decorrência disto, à ascensão do nível de vida do povo brasileiro. O desenvolvimento econômico independente é o defendido pelas forças nacionalistas e por todos os patriotas, contra o desenvolvimento dependente, defendido pelos entreguistas e levado à prática, em grande medida, pelo atual Governo.

Para que seja realmente independente o desenvolvimento de nossa economia deve estar subordinado a uma série de princípios essenciais, entre os quais assinalamos: a) a utilização preferencial dos recursos internos. Isto exige uma política econômica voltada para o aproveitamento intensivo das possibilidades existentes no país (umas abandonadas, outras subutilizadas), ao lado da proteção às iniciativas verdadeiramente nacionais, seja estatais ou privadas. Somos, como todos sabemos, um país dotado de múltiplos e quase inesgotáveis recursos. O que falta é mobilizá-los.

b) a ampliação do comércio exterior e a colocação de todo o nosso intercâmbio comercial sobre a base da reciprocidade de vantagens e do absoluto respeito aos interesses nacionais. Inclui-se aqui, fundamentalmente, a normalização de nossas relações com os países socialistas — que podem absorver crescente quantidade dos produtos brasileiros de exportação e nos possibilitar enorme economia de dólares através da aquisição de petróleo, trigo, equipamentos e diversas matérias-primas em bases vantajosas para o Brasil — e a cessação do caráter espoliador que caracteriza as relações de troca do Brasil com os países imperialistas, particularmente os Estados Unidos.

c) eliminação dos privilégios concedidos ao capital estrangeiro. A atual política de favores cambiais concedidos ao capital imperialista conduz ao incremento das inversões dos monopólios estrangeiros, em sua maior parte norte-americanos, e ao seu domínio em alguns setores fundamentais de nossa economia. Obtendo lucros fabulosos, em porcentagens superiores aos obtidos em quase todos os demais países, os monopólios imperialistas têm além disso todas as facilidades imagináveis para remetê-los às suas matrizes. É uma sangria tremenda: o fruto principal do trabalho de nosso povo é drenado para os grandes trustes, numa descapitalização constante de nossa economia.

d) a ajuda externa. Enquanto a chamada "ajuda americana", sob a forma de inversões diretas e, secundariamente, de empréstimos nas condições em que são feitos, constituem um verdadeiro saque, os financiamentos externos podem ser úteis, desde que se destinem a empresas nacionais (e não a empresas imperialistas), principalmente quando feitos de governo a governo, a juros baixos e longo prazo. Dois exemplos recentes são os financiamentos feitos pela URSS à Índia e a Cuba: juros de 2,5% (os imperialistas exigem juros de 4% a 5%) e prazo de 12 anos.

e) ampliação do mercado interno, através fundamentalmente das medidas de reforma agrária, convertendo as grandes massas camponesas em consumidores efetivos da produção nacional.

Os comunistas e todos os nacionalistas consequentes são partidários do desenvolvimento independente de nossa economia. E por isto lutam pela vitória de um governo nacionalista e democrático.

Guerra e a Convenção do PTB são acontecimentos que assinalam o início de uma nova etapa na campanha do marechal Lott. Agora a campanha passa definitivamente para as ruas, para o seio do povo.

Em todo o país comecarão a se multiplicar os comitês Lott-Jung e a se avolumar a propaganda eleitoral, num ritmo cuja intensidade deverá ir, em crescendo, até a vitória em 3 de outubro.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO (LIII)

Os sucessivos congressos da II Internacional ficaram batizados, — como já ocorrera aos da I Internacional, — com os nomes das diferentes cidades em que se realizaram. Ao mesmo tempo eram designados, na literatura socialista da época, por um número de ordem, e não deixa de ser interessante saber que o original atribuído ao Congresso de Paris, o primeiro da II Internacional era não I, mas VI.

É que os marxistas da época consideravam a nova Internacional como o restabelecimento da primeira, ou, mais exatamente, consideravam a ambas como expressões formais diversas de uma só e mesma Internacional, — a "Internacional proletária", como a chamou Lênin. Sendo assim e tendo a I Internacional, como nos lembramos, realizado cinco congressos, os da nova Internacional deviam ser contados a partir do número VI.

Esse critério, aparentemente sem maior importância, envolve pois, na realidade, questões profundas da teoria

do partido da classe operária, da concepção marxista-leninista de organização, que não cabe aqui entender exaustivamente.

O que é indiscutível na posição indicada, é que os marxistas de fins do século passado e começo do atual (em particular Lênin) compreendem o movimento operário internacional como um todo histórico único em desenvolvimento, em segundo lugar, compreendem também como um todo histórico único o processo de inculcamento da ideologia socialista no movimento operário, de assimilação do socialismo científico pelo proletariado.

Partindo dessa concepção, não tinham nenhuma dificuldade em considerar a I e a II Internacionais como formas de organização distintas de um processo histórico único e permanente de organização internacional do proletariado como classe.

Detenhamos-nos um pouco mais sobre a II Internacional como forma de organização. Vimos, no último capítulo, que Lênin definiu a nova en-

A II Internacional como forma de organização

tidade como "a organização internacional do movimento operário restabelecida sob a forma de congressos internacionais periódicos". Inicialmente ela não teve Estatutos, situação que perdurou durante vários anos. Nortearva-se apenas através de resoluções de caráter organizativo, aprovadas em suas conferências e congressos, e que regulavam o critério de participação das entidades operárias nacionais nos congressos seguintes.

A primeira resolução dessa natureza foi tomada na conferência internacional de março de 1897 e ratificada pelo Congresso de Zurich, o qual, que teve lugar em agosto do mesmo ano. Nela se estabelecia que tinham direito de participar nesse Congresso os partidos, sindicatos e associações operárias em geral de cada país que reconhecessem a necessidade da organização operária e da ação política socialista do proletariado, a necessidade

de sua luta de classe com vistas à conquista do poder político.

Esse critério foi mantido em relação aos congressos seguintes e mais tarde incorporado aos Estatutos da II Internacional, aprovados, salvo engano, no Congresso de Paris, de 1900, quando se criou um órgão executivo permanente da entidade, o Biro Socialista Internacional, composto de representantes de todos os partidos socialistas. Qual a força real da II Internacional organizada segundo a forma que acabamos sucintamente de expor? São extremamente interessantes a esse respeito as opiniões de Lênin:

"Formalmente, as resoluções dos congressos internacionais não são obrigatórias para as diferentes nações, porém moralmente a sua importância é tal que a não observância das resoluções constitui de fato uma exceção e é de duvidar que esta

não seja mais para que a inobservância, pelos diferentes partidos, de suas próprias resoluções".

Ilustrando essas afirmações, Lênin cita, por exemplo, o fato de que o Congresso de Amsterdam (1904) conseguiu unir os socialistas franceses. No segundo ponto da ordem do dia desse congresso tratou-se, com efeito, da unidade dos partidos, aprovando-se a respeito uma resolução (não mais que se recomendava) aos jacobinos e guesdistas, na França, e a diferentes correntes socialistas, em outros países, que se unissem em cada país num só partido socialista para a luta contra o capitalismo.

Lênin, apoiando-se ainda no Congresso de Amsterdam, dá outro exemplo: "a sua resolução contra o ministério" — isto é, contra a participação dos socialistas nos ministérios burgueses — "exprimiu a vontade do proletariado consciente de todo

o mundo, definiu a política dos partidos operários".

Mas não cessam as observações de Lênin sobre o papel dirigente real da II Internacional. Nos dois artigos que escreveu em seguida ao Congresso de Stuttgart (agosto de 1907), ele faz questão de destacar que esse papel se acentuou. Num dos artigos diz: "...Mas além de demonstração grandiosa da unidade internacional da luta proletária" — compareceram delegados dos cinco continentes, no todo 886! — "o congresso desempenhou um papel notável quanto à definição da tática dos partidos socialistas. O congresso tomou resoluções gerais sobre toda uma série de questões que eram até então resolvidas exclusivamente dentro de cada partido socialista por separado. A coesão do socialismo numa força internacional única exprimiu-se de maneira particularmente brilhante nesse aumento do número de questões que exigia uma decisão de princípio única nos diferentes países".

E acrescenta, no outro ar-

tigo, ao comparar o Congresso de Stuttgart com o de Amsterdam, que o antecedeu: "O Congresso de Stuttgart deu um grande passo em frente nessa mesma direção" — a definição da política dos partidos operários — "mostroando-se a entidade suprema quanto à definição da linha política do socialismo sobre toda uma série de questões importantes. Mais rigorosamente ainda que o de Amsterdam, o Congresso de Stuttgart definiu essa linha do ponto de vista da social-democracia revolucionária contra o oportunismo".

O leitor há de concordar em que, partindo-se das apreciações citadas de Lênin, é difícil não reconhecer na II Internacional, em sua fase ascendente, a presença e o desenvolvimento de determinado caráter centralista democrático, — dum centralismo democrático que não era reconhecido de direito mas se manifestava de fato, e que, limitado ainda, é certo, nem por isto deixou de ser, dentro de suas limitações, menos real e efetivo.

A Polícia Americana Quis Ocupar o Catete

Tiras do FBI norte-americano exigiram que o Palácio do Catete lhes fosse entregue, como condição para a visita de Eisenhower à sede do governo brasileiro. Tendo sido repelida essa pretensão, foi cancelada a parte do programa que previa a visita de Eisenhower ao Catete.

Em S. Paulo, onde o presidente norte-americano demorou-se por apenas algumas horas, das quais uma e meia repousando no Palácio dos Campos Elíseos, o governador janista Carvalho Pinto concordou servilmente em deixar o palácio, juntamente com a sua família, desde o dia 13 do corrente, entregando-o à ocupação dos elementos do serviço secreto ianque.

Esses são apenas dois fatos que mostram a insolência e a arrogância dos agentes do governo norte-americano, a propósito de uma visita apregoada como de amizade e cortesia.

CATETE

O fato é narrado pelo «Estado de S. Paulo»: «Está definitivamente cancelada a visita que o presidente Eisenhower faria ao Catete no dia 24, às 15,45 horas. Essa resolução é uma consequência do incidente que

ocorreu entre o coronel George Alberto Moreira da Rocha e um funcionário do governo norte-americano, que foi impedido pelo adjunto do gabinete militar da Presidência da República de realizar uma inspeção nas dependências do Palácio, como medida de garantia ao presidente Eisenhower.

«O sr. George Rocha alegou que a ele competia zelar pela segurança de chefes de Estado quando em visita ao palácio; tentara conseguir, com o funcionário, que a embaixada dos Estados Unidos respeitasse sua autoridade — e como não conseguisse, comunicou o fato ao general Nelson de Melo e este ao presidente Kubitschek, que prestigiou a atitude do seu auxiliar».

Narrando o mesmo incidente, esclarece o «Jornal do Brasil» que o funcionário americano era o chefe da guarda pessoal de Eisenhower e que sua exigência consistia no seguinte: realização de uma completa vistoria no palácio e, além disso, que toda a guarda pessoal — dezenas de policiais — acompanharia o presidente em palácio. O oficial negou-se a satisfazer tais exigências, concordando apenas na en-

Todas as instalações do Palácio dos Campos Elíseos, incluindo portas, janelas, paredes, soalho, forro, banheiros etc., foram minuciosamente vistoriadas ontem pela manhã, durante duas horas, por elementos responsáveis pela segurança do presidente Eisenhower, comandados pelo sr. Robert Schulz, chefe da Casa Militar da Casa Branca, em companhia do secretário da Segurança, sr. Francisco José da Nova, de membros do Palácio e de autoridades consulares.

A inspeção foi realizada com o auxílio de um mapa completo das dependências da sede do governo, que foi trazido pelos norte-americanos. Em seguida, fo-

trada do chefe da guarda pessoal, quando da visita do presidente.

Nem o tira americano, nem a embaixada dos Estados Unidos aceitaram a ponderação às suas exigências e por isso cancelaram a visita de Ike ao Catete.

CONFERENCIA, SO' NA EMBAIXADA

O único local oficial do governo brasileiro a ser visitado pelo presidente Eisenhower era o palácio do Catete, uma vez que Brasília ainda não é a capital do Brasil. Por outro lado, a recepção no Itamarati é apenas um banquete. De tal modo Eisenhower e Kubitschek somente se entrevistaram oficialmente na embaixada dos Estados Unidos, pouco antes do banquete oferecido pelo presidente norte-americano.

A HOSPEDAGEM

Já anteriormente, causara espécie o fato de Eisenhower haver recusado o oferecimento de uma residência brasileira — até mesmo o Palácio Presidencial das Laranjeiras — para se hospedar rompendo e o m as normas tradiciona-

mente usadas no mundo. Preferiu, ao invés, ficar na embaixada norte-americana, vale dizer, não sair do seu próprio país, uma vez que as embaixadas são consideradas parte do território do país a que pertencem.

GOVERNADOR SAI DE PALÁCIO

Em S. Paulo, onde o presidente norte-americano demorou-se apenas algumas horas, o palácio dos Campos Elíseos foi vasculhado em todas as suas dependências por tiras norte-americanas, com auxílio de um mapa trazido dos Estados Unidos! Isto está nos jornais paulistas do dia 13 do corrente.

Para um breve estacionamento de hora e

meia no Palácio, foram adotadas, entre outras, as seguintes providências, às quais o governador janista Carvalho Pinto se submeteu servilmente: 1 — a partir do dia 13, o governador e a sua família mudaram-se do Palácio para a residência governamental do Horto Florestal; 2 — foi colocado um tira norte-americano em cada uma das janelas que dão para os jardins do palácio e em cada uma das janelas do «anexo»; 3 — somente quatro pessoas (o irmão de Ike, um camareiro, um secretário e uma secretária) tiveram acesso ao andar superior do palácio, onde o presidente descansou durante pouco mais de uma hora; 4 — foi feito um levantamento geral de toda a área que circunda o palácio, incluindo residências, oficinas, depósitos, jardins, etc.

CARRO BLINDADO

Consoante os jornais, até um carro blindado foi mandado vir dos Estados Unidos, como se Eisenhower estivesse em visita a um campo de batalha e não a um país em viagem dita de amizade.

Mas, não é só. Dias atrás, numa palhaçada que esta cidade não gozou mais porque foi levada a efeito furtivamente, de madrugada, foi simulada uma chegada de Eisenhower, a que o chefe de Polícia, coronel Jacques Júnior se prestou a assistir, com a esposa, segundo os jor-

REPELIDAS AS ABSURDAS PRETENSÕES, A VISITA FOI CANCELADA — EM S A O PAULO, O GOVERNADOR JANISTA CARVALHO PINTO SUBMETEU-SE SERVILMENTE AOS IANQUES E ABANDONOU O PALÁCIO, COM SUA FAMÍLIA, DOZE DIAS ANTES DA VISITA

mais. Um tira sorridente fez o papel de Ike, enquanto o cortejo se deslocava pelas ruas adornadas da capital, que certamente pagaria para ver uma pantomima dessas.

POR QUÊ?

Em S. Paulo, os jornalistas foram convidados por alguns chefes do FBI para assistir a um filme da recente visita de Eisenhower a diversos países da Europa, Ásia e África. Escreve, sobre a sessão cinematográfica, «O Estado de S. Paulo»: «Notou-se, através desse documentário, que, com exceção das capitais do Paquistão, do Marrocos e da Espanha, as demais cidades pareciam não ostentar um aparato de segurança e vigilância tão severo e absorvente como o que aparentemente deverá cercar a visita do presidente norte-americano às cidades de Brasília, S. Paulo e Rio de Janeiro».

Por que tantas e tais precauções durante a visita de Eisenhower ao Brasil? Será a consciência de culpa pelos crimes e pela espoliação aqui praticados pelos trustes e monopólios

norte-americanos? É manifestação do medo sob o qual se escondem propósitos que o povo brasileiro repele?

A verdade é que o FBI deu o tom da visita de Eisenhower.

CRÍTICAS DA IMPRENSA

As descabidas providências policiais que cercaram a visita de Eisenhower foram objeto de comentários e reparos de numerosos órgãos da imprensa. «G-Men» invadem o Rio para a «operação Ike» — escreveu há dias o matutino «O Dia». O «Diário de Notícias», em comentário, depois de criticar o aparato incomum das medidas de segurança, escreveu: «E não somente de medidas de segurança pessoal, compreendendo a vinda ao nosso país de centenas de agentes, como também de providências visando a cercar de com-fôrto especial o presidente e sua comitiva. O presidente Eisenhower, nestas condições, não terá ensejo de um contato menos distante com o nosso povo».

«Última Hora», a propósito do mesmo assunto, apelou para a embaixada norte-americana: «Não estraguem a festa! O «Jornal do Brasil», também em comentário, disse: «Não queiram, portanto, os encarregados da sua segurança — sejam eles brasileiros ou norte-americanos — ter mais realismo que o rei». Se a visita de Eisenhower teve como objetivo reformular a política norte-americana em relação ao Brasil, não parece. Porque nunca as coisas haviam chegado a este ponto.

CONFIRMADO O CANCELAMENTO

RIO, 18 («Estado») — Está definitivamente cancelada a visita que o presidente Eisenhower faria ao Catete no dia 24 às 15,45 horas. Essa resolução é uma consequência do incidente que ocorreu entre o coronel George Alberto Moreira da Rocha e um funcionário do governo norte-americano, que foi impedido pelo adjunto do gabinete militar da Presidência da República de realizar uma inspeção nas dependências do palácio, como medida de garantia ao presidente Eisenhower

VITÓRIA ADERIU AO BOICOTE

População Do Espírito Santo Não Paga Mais Conta Da Luz

VITÓRIA — Espírito Santo (Do Correspondente) — A população dos municípios de Vitória, Cariacica e Vila Velha aderiu, no último dia 22, ao movimento de protesto contra a elevação das tarifas de luz e força, iniciado nas cidades de Cachoeiro do Itapemirim e Castelo, nos primeiros dias de janeiro.

Desde o dia dois de janeiro que a população de Cachoeiro e Castelo, num movimento de impressionante unanimidade, vem-se negando a pagar o aumento de Cr\$ 1,50 por kilowatt que a Central Brasileira, subsidiária da Bond and Share, vem tentando impor aos consumidores.

LUTA DE TODO O POVO

Com a adesão dos habitantes de Vitória, Cariacica e Vila Velha,

a campanha de resistência ao aumento tarifário adquiriu novo impulso. A Assembléia Legislativa do Estado, identificando-se com a revolta popular resolveu apoiar, por unanimidade, a greve contra as tarifas. Uma delegação de quatro parlamentares foi indicada para participar da Comissão Central que dirige a luta. A Câmara Municipal de Vitória, por outro lado, declarou o seu integral apoio ao movimento.

PIQUETES GREVISTAS

A exemplo do que ocorreu nas cidades de Cachoeiro e Castelo, onde teve início o boicote ao aumento, a Comissão Central Contra a Elevação das Tarifas, composta de representantes das Federações da Indústria e do Comércio, das Associações Rurais,

dos Sindicatos de trabalhadores e das entidades estudantis, designou piquetes para guardar a sede central da Companhia Brasileira de Energia Elétrica, a fim de assegurar o êxito da campanha, conclamando todos os consumidores, que por ventura ali apareçam, para que não paguem suas contas.

APOIO DA IGREJA

O Arcebispo do Espírito Santo, Dom João Batista da Mota e Albuquerque, lançou uma nota pública hipotecando o inteiro apoio à luta do povo capixaba contra o truste americano de eletricidade. Na referida nota, o Arcebispo manifesta sua solidariedade à Associação Comercial, à Associação das Indústrias, aos Sindicatos e a todas as demais entidades empenhadas no justo movimento de protesto.

Carro blindado para Eisenhower no Brasil

Depois de uma longa viagem de 24 horas de São Paulo, o carro blindado que o presidente norte-americano usará em sua visita ao Brasil chegou ontem à cidade de Brasília. O veículo, que pertence ao Exército dos Estados Unidos, foi trazido por um avião militar da Força Aérea Brasileira. O carro é um modelo muito moderno, com motor a diesel e transmissão automática. Ele é capaz de suportar temperaturas extremas e tem uma velocidade máxima de 100 km/h. O carro será usado durante a visita do presidente Eisenhower ao Brasil.

«G-Men» invadem o Rio para a «operação Ike»

Irritou-se o chefe da Casa Militar e foi cancelada a visita ao Catete — Ainda estão chegando «tiras» do F. B. I. — Cidade limpa e 626 jornalistas na cobertura da visita (TEXTO NA 2ª PÁGINA)

Golpe Espetacular Na Lavoura Cafêeira Do Norte Do Paraná

CURITIBA (Do Correspondente) — O Paraná, um dos dois maiores produtores de café do Brasil, atravessa séria crise na exportação do produto básico da nossa agricultura.

A lavoura cafêeira, que nos últimos meses vinha sofrendo condições climáticas adversas, foi vítima de um verdadeiro golpe por parte da firma Almeida Prado, amparada pelo IBC.

No início da safra 1959-1960, a lavoura cafêeira do norte paranaense beneficiou-se de condições climáticas favoráveis, enquanto a lavoura paulista, inversamente, sofria com as fortes chuvas. Assim, no início da safra, pelo Porto de Paranaguá chegaram a sair mensalmente 700 mil sacas de café, excelente índice. Entretanto, a partir de setembro, a situação se inverteu: o mau tempo transferiu-se para o Norte do Paraná, enquanto melhorava em São Paulo. As consequências foram imediatas: os cafés paulistas passaram a ter preferência para a exportação, ao passo que os do Paraná, com sua qualidade afetada, apresentavam a tendência a baixar de preço. Ora, a redução dos preços internos repercutiria sobre os preços inter-

nacionais do café, no sentido da baixa, afetando negativamente a receita cambial do país.

INTERVENÇÃO DO IBC

Pressionados pelos compradores, que queriam pagar baixos preços pelo seu café, os fazendeiros paranaenses dirigiram-se ao Instituto Brasileiro do Café (IBC) solicitando providências oficiais. E estas foram tomadas pelo IBC sob a forma de compra da produção através de firmas particulares, mediante uma comissão por saca, tendo em vista a defesa dos preços internacionais. Dêsse modo, o IBC interviu no caso, mas indiretamente, por intermédio de firmas privadas. E a contenda foi a firma paulista Almeida Prado. E aqui começa a história do golpe.

TRÊS ETAPAS

Autorizada pelo IBC a comprar os cafés paranaenses, a firma Almeida Prado projetou um golpe em três etapas e o vem aplicando com êxito. Segundo o contrato firmado com o IBC, a Almeida Prado compraria

o café à base de 2.100 cruzeiros por saca.

Inicialmente, em vista do mercado favorável às exportações, a Almeida Prado comprou enorme quantidade de café ao preço convencional e em pouco abarrotava os armazéns de Paranaguá. A cota de armazenamento do porto — 2,5 milhões de sacas — foi rapidamente superada e foram estocadas 2,8 milhões de sacas. Isto significava a paralisação de novas compras, uma vez que atingindo o armazenamento no porto os 2,5 milhões de sacas, não poderiam ser negociados antes da venda dos já estocados.

Em duas palavras: a Almeida Prado ficou com todo o mercado paranaense à sua mercê. Foi a primeira etapa do golpe.

REDUÇÃO DO PREÇO

Concluída esta manobra, a Almeida Prado alegou que a exportação estava paralisada e que isto tornava difíceis as condições para realização do produto. Propôs-se, então, a comprar o café nas regiões produtoras do Paraná não pelos 2.100 cruzeiros que o IBC autorizara, mas a 1.800 cruzeiros, isto é, com

uma diferença de 300 cruzeiros em saca. Com a corda no pescoço, os produtores entregaram-lhe o café por esse preço. E assim grandes partidas foram compradas...

A TERCEIRA ETAPA

De posse de milhões de sacas de café paranaense, a Almeida Prado passou a transferi-lo para S. Paulo. Dois milhões de sacas do produto, que normalmente seriam escoadas pelo Porto de Paranaguá, foram desta maneira desviados para o porto de Santos e aí exportadas. Em cada saca, além dos 50 cruzeiros assegurados pelo IBC, a Almeida Prado ganhou mais 300 cruzeiros, fruto da gigantesca manobra especulativa. Um rio de muitas centenas de milhões de cruzeiros correu para os cofres da poderosa firma paulista, dando um prejuízo correspondente à economia do Paraná.

Por outro lado, a Almeida Prado não corre nenhum risco com o armazenamento de café em Paranaguá, pois grande parte dele será entregue ao IBC ao preço médio dos registros verificados em toda a safra.

DISCURSO DO DEPUTADO DJALMA MARANHÃO:

Para Prosperar, o Brasil Precisa Ser Independente

O deputado Djalma Maranhão (PTN do Rio Grande do Norte) pronunciou numa das últimas sessões da Câmara Federal um interessante discurso em torno da luta antiimperialista no Brasil.

Deteve-se o orador inicialmente às lutas nativistas do passado, referindo-se em seguida aos movimentos de 1922, 1924 e 1930. Disse o deputado potiguar que a Coluna Prestes foi a grande marcha da integração nacional que elevou a todos os rincões da pátria uma mensagem de esperança e confiança nos seus destinos.

Mencionou o orador outros importantes episódios das últimas décadas, entre os quais o movimento da Aliança Nacional Libertado-

ra, que «despertou no povo o desejo de lutar contra o imperialismo», e a participação do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo.

LUTA PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

Abordou, em seguida, as lutas em que se empenha o povo brasileiro, em nossos dias, contra a espoliação imperialista e pela emancipação nacional. Mencionou a campanha em defesa da Petrobrás — a «grande manifestação da luta antiimperialista no Brasil» — e da industrialização do país. Defendeu então a necessidade de desenvolvimento econômico independente, como o único que convém aos interes-

ses nacionais e do povo. A espoliação a que nos submetem os monopólios imperialistas resultam em tremendos prejuízos para o país, uma verdadeira gangria.

Parte do desenvolvimento independente — afirmou o sr. Djalma Maranhão — deve ser a reforma agrária, para cuja realização é preciso lutar com firmeza cada vez maior. Citou, então, o exemplo da China, referindo-se em seguida a Cuba.

POLÍTICA EXTERIOR INDEPENDENTE

Com o apoio de vários apartantes, particularmente do sr. Celso Brant, o deputado Djalma Maranhão ressaltou a necessidade de ser adotada pelo Governo brasileiro uma política externa independente, criticando duramente a submissão do Itamarati a interesses estran-

nhos ao nosso país. Exemplo dessa submissão, mostrou, é a recusa do Governo em participar da Conferência dos países subdesenvolvidos, convocada por Cuba. «É triste, é vergonhoso dizer: as forças imperialistas, que espoliam o Brasil e continuam dominando a nossa economia, não irão permitir a presença do Brasil na Conferência de Cuba», declarou o parlamentar. E o pior — acrescentou — é que isto não se refere apenas ao Itamarati, mas a outros setores do Governo, como o Ministério da Fazenda e o Banco do Brasil.

A visita do presidente Eisenhower ao Brasil — afirmou o deputado do PTN — prende-se à defesa da política colonialista dos Estados Unidos, que exercem uma pressão cada dia mais violenta, como mostra o epi-

sódio da Conferência de Cuba, para isolar o Brasil da causa comum dos países subdesenvolvidos.

CAPITAL ESTRANGEIRO

Destacou também o orador o caráter nocivo das inversões do capital estrangeiro no Brasil, afirmando:

«Nenhum país do mundo conseguiu o seu desenvolvimento econômico com a ajuda do capital estrangeiro. Nenhum país do mundo, nem mesmo os Estados Unidos da América do Norte, na sua fase de independência, atingiu a sua emancipação econômica ajudado pelo capital estrangeiro. O pouco que vai para cada País se destina à produção de artigos manufaturados lá fora. Plantamos café, plantamos algodão, para depois então importarmos todos aqueles produtos manufaturados de que precisamos».

O EXEMPLO DA CHINA

Referindo-se ao exemplo da China, afirmou textualmente o deputado Djalma Maranhão:

«Até há bem pouco tempo, conhecíamos a situação deplorável em que se encontrava a grande nação asiática. Quando se falava naquele país era para se aludir aos seus falsos negócios, às suas grandes negociações; eram os generais corruptos vendendo armamento aos adversários. Quando se mencionava a China era para comentar os atos desabonadores dos governadores de suas províncias, que faziam do governo trampolim para as maiores insensatezes administrativas a se registrar; quando se falava na China, era para destacar a miséria do seu povo, milhões de crianças morrendo de fome, milhões de pessoas vivendo sem habitação. A China era um exemplo de degradação. Naquele país, a inflação havia atingido a um nível tão alto que víamos no cinema pessoas carregando dinheiro em carrinhos porque a desvalorização do papel-moeda havia chegado a um ponto nunca antes conhecido em parte alguma do mundo. A China era, portanto, um país infeliz, um país esquecido, onde o povo passava fome e onde o analfabetismo alcançava um grau dos mais graves. De dez anos para cá, entretanto, a China se transformou numa das maiores potências do mundo e se as condições dela eram tão parecidas com as do Brasil, pela sua vastidão territorial, pela sua população, ela, como o Brasil, tinha condições magníficas de se recuperar, de dar um salto adiante e atingir a larga estrada do progresso, que realmente atingiu. Se nós colocamos o exemplo da China paralelo ao Brasil, é porque sentimos que aqui também se encontram as melhores perspectivas, as melhores condições para transformarmos este país em um dos mais fabulosos do futuro. Possuímos condições intrínsecas, condições positivas e imagináveis para operar dentro de dez anos o milagre de nossa reformulação econômica e social, a exemplo do que fizeram os chineses. O que aconteceu na China foi realmente um milagre. Hoje, não existem mais negócios da China. Quando desejamos exemplificar «uma negociação», podemos dizer, são negócios do Brasil».

No campo da pesca, possui a China a segunda frota pesqueira do mundo. Antes os mares do Sul, as baías das costas da China pertenciam ao Japo. O Japo dominava o Oceano Pacífico e pescava os peixes, os produtos de atum que quisesse. Hoje, a China construiu sua própria frota pesqueira, que conta já com mais de 2 mil barcos e que é a segunda ou a terceira frota pesqueira do mundo.

Em outros ramos de atividade, no campo agrícola, no setor da produção de cereais, na esfera industrial, em qualquer setor, inclusive a indústria pesada, a China já começa a competir e a superar mesmo as grandes nações capitalistas.

Este um exemplo para o Brasil, exemplo de um povo milenarmente espoliado, de um povo secularmente oprimido, que resolveu tomar em suas próprias mãos seu destino, recuperar-se e que nos dias de hoje está impressionando o mundo. Todos aqueles que vêm da China trazem uma impressão nítida de um povo feliz, bem alimentado, que encontrou finalmente o caminho desejado».

Em Greve Ferroviários Da Leste Brasileiro

Os oito mil ferroviários da Leste Brasileiro, que serve aos Estados da Bahia e Sergipe, entraram em greve a zero hora do dia 19 último, reclamando o pagamento de um abono provisório de 3 mil cruzeiros. Os referidos trabalhadores, que são regidos pelo Estatuto do Funcionário Público, haviam decidido anteriormente que entrariam em greve, pleiteando uma solução de emergência caso o Plano de Classificação não fosse aprovado até o dia 18 do corrente.

A assembleia em que foi decretada a greve contou com a participação do Bispo Dom José Vicente Távora que, solidarizando-se com a decisão dos ferroviários, salientou: «para a realização de uma greve é preciso que exista uma situação de fato, essa situação de fato é a fome que ronda os lares ferroviários, cabe a eles decidirem o que fazer». Outras autoridades, dirigentes sindicais e estudantis estiveram na referida assembleia, levando o seu apoio aos trabalhadores.

A Federação Nacional dos Ferroviários, presidida pelo líder Rafael Martinelli, solidarizou-se com o movimento grevista e entrou em contato imediatamente com as autoridades federais, defendendo as reivindicações dos ferroviários da Leste Brasileiro. O ex-deputado Getúlio de Moura, vice-presidente da Rede Ferroviária Nacional, asseverou que aquela

empresa nada tinha a ver com o pedido de abono solicitado pelos trabalhadores, uma vez que os mesmos, embora pertencentes aos quadros da Rede, são trabalhadores autônomos, cuja situação só o Ministério da

Viação tem competência para resolver. O Ministro Amal Peixoto, por outro lado, disse que não atenderia à reivindicação dos grevistas, por considerar ilegal o movimento desencadeado a zero hora do dia 19 último.

FSM denuncia:

Desarmamento: CIOSL Nega-se a Discutir!

A Federação Sindical Mundial enviou uma carta aberta às entidades sindicais de todos os países, na qual declara que endereçou uma proposta à direção da C.I.O.S.L., dias antes da abertura do Congresso de Bruxelas, e que a mesma não foi levada ao conhecimento dos congressistas.

A proposta, que a direção da CIOSL engavetou, baseava-se no desejo de todos os trabalhadores de acabar com a corrida armamentista, e sugeria, em face do alívio da atual situação internacional, a celebração de um encontro em princípios do corrente ano entre representantes de ambas as organizações com a finalidade de elaborar um programa econômico e social comum, ligado ao projeto de desarmamento geral e controlado, recentemente apresentado na ONU.

SEM RESPOSTA

O Comitê Executivo da CIOSL não deu resposta à sugestão da FSM que propunha, ainda, que os documentos do Congresso da CIOSL (Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres) e da XX Reunião do Comitê Executivo da FSM (Federação Sindical Mundial), servissem de base para a elaboração de um programa de ação comum.

ENCONTROS INTERNACIONAIS

Ao salientar que a CIOSL, como demonstram as decisões do seu recente congresso, deseja que as questões do desarmamento dependa apenas das iniciativas governamentais, fazendo pouco caso da ação dos sindicatos e dos tra-

balhadores, a FSM, na carta assinada por Louis Saillant, sugere "que em 1960 as organizações sindicais de todos os países se manifestem conjuntamente. Propõe a organização de encontros sindicais internacionais, bilaterais ou multilaterais, a fim de que haja unidade de opinião em prol do desarmamento e da paz. Recomenda que de todas as partes sejam enviadas mensagens sindicais e operárias à Conferência de Desarmamento, marcada pela ONU para 15 de março. A FSM deseja que, tendo em conta as particularidades nacionais, sejam também preparadas variadas e múltiplas manifestações do pensamento operário e sindical sobre a paz e o entendimento entre os povos, a fim de que essas idéias transformadas em vontade ativa sejam expressas e trans-

Empregados de Hotéis...

(Conclusão da 5.ª Pág) e reforcem a sua unidade em torno do Sindicato e de sua diretoria a fim de podermos ser plenamente vitoriosos na luta pelo cumprimento de nosso Programa».

EXITOS DA ATUAL DIRETORIA

«Sem querer desmerecer as diretorias anteriores, intervindo o sr. Seledino, desejo declarar a NOVOS RUMOS que a atual diretoria do Sindicato obteve importantes vitórias, entre os quais destaco: somente nos últimos 3 meses entraram cerca de 1.500 novos associados; as rendas do sindicato aumentaram 100%; foi aberta uma Delegacia Sindical em Copacabana que é auto-suficiente financeiramente; os serviços extras, oficiais, voltaram a ser solicitados ao sindicato, como por exemplo, no caso da próxima visita do presidente Eisenhower; o Ministério do Trabalho tem trabalhado uma média de 10 autos de infração nos locais de

COMÉRCIO DE CRIANÇAS

São as crianças, antes das mulheres, as mais atingidas pelas injustiças sociais. Se em 1784, em plena época do Cristianismo, as mulheres eram vendidas na Inglaterra, já em 1882, naquele mesmo país, considerava-se, historicamente (só historicamente), que a chamada «fatalidade econômica» da revolução industrial determinou o início de uma nova era para a mulher. Mas a nova era para as crianças, no sentido do bem-estar geral, só teve início, realmente, na área dos países socialistas. A vida das crianças está intimamente ligada ao desenvolvimento político, social, econômico e cultural do país em que nasce, com a particularidade de que, por razões óbvias, não podem contribuir para melhorar aquela vida que outros lhes deram. Dependem, pois, os direitos da criança da ordem de relações entre a família e a sociedade. E essas relações em nosso país geram toda uma vida de infelicidade para a grande maioria da infância.

Ainda há poucos dias, numa entrevista a jornal carioca, o professor Rodrigues Lima declarava que morrem, anualmente, no Brasil, cento e cinquenta mil mulheres grávidas, por falta de assistência pré-natal. As crianças são condenadas antes de nascerem. Vem, em seguida, a falta de medidas, as mais elementares que possam garantir o pleno desenvolvimento da capacidade infantil. Hoje, não estamos falando dos jardins de infância, para cuja matrícula, aqui, o centro dito mais civilizado do país, as crianças dependem de um sorteio. Não estamos falando de escolas em geral, que interesses econômicos escusos desejam tornar particulares, para impedir a alfabetização dos filhos dos trabalhadores. Falamos do fato que remonta ao tempo da escravidão e que deve envergonhar-nos, tanto como a outras gerações envergonharam o tráfico de africanos, sob a bandeira nacional. Em São Paulo, estão vendendo, organizadamente, crianças nordestinas. Já existem no Juizado de Menores denúncias sobre o desaparecimento de 400 crianças, que são roubadas e depois vendidas a quadrilhas, que as utilizam para pedir esmolas nas ruas. Enquanto os nordestinos que perderam os filhos de fome nas estradas do Nordeste e os perdem, agora, nas ruas de São Paulo, não são ajudados, nem protegidos pela administração pública, gasta-se um milhão de cruzeiros para construir um pouso de helicópteros para uso, durante 24 horas, pelo presidente dos E. U. A., que está sendo recebido com as pompas e o aparato policial de um vice-rei em visita à colônia. Um milhão de cruzeiros não dá para libertar a infância brasileira do analfabetismo, da doença e da fome crônica, mas poderia amparar as 400 crianças nordestinas vendidas em São Paulo, até que essas pais conseguissem emprego e abrigo.

ANA MONTENEGRO

CARTA DO SERTÃO ZE PRAXÉDI — o poeta vaqueiro

Arara, vinte do mês, Manicipo d'Ispinhêro, Cá de longe ti abraço Nosso puêta vaqueiro.

Tô-li munto gracedido Pur sua publicação. Munta gente fazia pôro Das pruficias dum cabôco Nacido nesse sertão.

Tá se cumprindo o q'eu dixê Há uns vinte anos atrás: No Brasi vão descubri A veia-mesta do gás. Vai té carro, gasolina, Vai té aço e tudo mais.

O mundo capitalista Im sessenta cai pur terra. O pudê socialista Ritira o pavô da guerra. Num país piquininin Aparece um querubin Do seio da grande serra.

Vem o Sarvadô do mundo, Diferente de Jisus: Matando quem já matô Sem o mistero da cruz.

O prato das três maria Naceu im Mina Gerá. A sarvação do Brasi Tombém tem qui vim de lá.

Um Generá distimido Vai sê nosso Pris'dente. O Brasi vai té riqueza, Iscola para à pobreza E para à terra simente.

A cartinha do gaúcho Vai nos valê um tisório! Fica im tôdas as praça Gravada im lêtas de ôro. Os pais vão se casa Já cumeçô o namôro.

Ua bassôra de paia Fica na cinza interrada. Vai terminá no azilo O home das bassôrada: O povo se organiza, Quem tivê cinco camisa Inda se jurga sem nada.

Tão aí, meu Zê Praxédi, Os favo da jandaíra: Pruficias do cumpade, O véio Mané Cupira.

PROGRAMA DE AÇÃO COMUM

Com o objetivo de facilitar os contatos acima sugeridos, a FSM reitera as bases do programa de unidade de ação, apresentado em dezembro de 1959, a saber:

- 1) Exigir a redução imediata das despesas militares, dos impostos e do custo de vida; 2) valorizar as economias que poderão ser feitas com a redução dos gastos militares, empregando-as em programas de desenvolvimento econômico e de elevação do nível de vida; 3) visando a distribuir melhor a renda nacional, sugerir programas para a aplicação das economias resultantes da redução das subvenções concedidas aos monopólios; 4) insistir pelo melhoramento dos salários, pensões, aposentadorias e subsídios familiares, pela defesa do emprego e ajuda aos desempregados; 5) propor sistemas de seguro social novos e mais completos; 6) pugnar pelo desenvolvimento e maior eficiência da formação profissional e do ensino técnico; 7) elaborar um programa para a reconversão pacífica das economias nacionais, fortemente militarizadas, prevendo a construção de residências, escolas e hospitais; 8) reivindicar para os sindicatos o direito de serem consultados e associados à elaboração, realização e controle dos programas de reconversão; 9) pôr em relêvo a ajuda econômica, a longo prazo e a juros baixos, que a redução dos orçamentos militares permitiria conceder aos países economicamente subdesenvolvidos».

Salientando ser necessário desenvolver esforços contra a ação negativa de alguns dirigentes da CIOSL, que desejam manter a atmosfera de guerra fria no movimento sindical mundial, a FSM conclui sua carta convidando todas as organizações sindicais a fazerem o possível para, em 1960: a) melhorar e ampliar as relações sindicais nacionais e internacionais, sem discriminação, dentro da mais ampla amizade e fraternidade; b) atuar em comum pela paz e o desarmamento, de maneira consequente e responsável; c) promover uma conferência entre as organizações sindicais internacionais e, em primeiro lugar, a FSM e a CIOSL.

ESTUDANTES A EISENHOWER: ABAIXO A OPRESSÃO DOS TRUSTES

A propósito da vinda de Eisenhower ao Bra. il, os estudantes de nosso país, através da União Nacional dos Estudantes e da União Brasileira dos Estudantes Secundários, deram à divulgação a seguinte carta-aberta:

«Sr. Presidente:

Os estudantes brasileiros, representados por suas entidades máximas, União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundários, que, de longa data, lutam pela Paz no mundo, pelo desarmamento, pela proscrição das armas termo-nucleares e pelo entendimento entre os povos num clima de fraternidade, saudam o Presidente dos Estados Unidos da América e contam com seu esforço pessoal no atendimento de seus anseios.

Esperamos que, nesta viagem, o Sr. Presidente compreenda a vontade indestrutível de libertação econômica do nosso povo; compreenda que os brasileiros exigem, por si mes-

mos e é próprio benefício, a exploração de suas riquezas e que querem desenvolver-se livremente, sem sofrer interferências ou pressões externas; compreenda que não queremos ajudas militares e sim créditos que se destinem à libertação do subdesenvolvimento, do atraso cultural, das endemias, da fome e de outras misérrimas que assolam nossas terras. Compreenda, em suma, Sr. Presidente, que os brasileiros não aceitam serem postos de lado no momento em que o mundo alcança uma formulação técnico-científica sem precedentes.

E' com esse espírito que o recebemos. E é com esse espírito que julgamos necessário esclarecer que o Brasil — enquanto eco de vontade auto-determinativa dos povos latino-americanos — não mais permita ser relegado a mera posição de objeto de sua própria história. Nos dias de hoje, a diplomacia não mais pode ser formulada em termos de intervenções militares ou econômicas. A agressão contra a

Guatemala e o assassinato de César Sandino são páginas negras que a opinião pública não consentirá se repitam na vida da América Latina. Com a coragem própria dos jovens e em nome da amizade que liga nossos povos é que nos credenciamos à responsabilidade de afirmar que interferências como a do Ponto IV sobre nossa administração, que exigências como a de FMI sobre nossa economia e ameaças como as que vêm sofrendo a brava ilha de Cuba, não são compatíveis com a honra e a dignidade da América Latina. Sobre Cuba, Sr. Presidente, queremos dizer ainda que qualquer intervenção nesse país será encarada como uma agressão a toda América Latina: os postulados da revolução cubana são hoje uma verdadeira carta de princípios dos povos que vivem ao sul do Rio Grande.

Sr. Presidente, ao nos despedirmos, queremos evidenciar o nosso desejo de que esta

viagem resulte um melhor entendimento entre o nosso povo e o governo dos E. U. A. Quando o mundo aguarda ansioso uma conferência internacional que venha ao encontro da Paz autêntica e sem os sobressaltos da guerra fria, temos diante dos olhos a mensagem de Campo David. Também reivindicamos um espírito semelhante para os entendimentos entre as Américas do Norte e Latina. A persistir a situação até agora vigente, denunciaremos a política exterior dos E.U.A. como sendo uma política reflexiva dos interesses dos monopólios e trustes internacionais, e que prefere incentivar e prestigiar governos como os de Trujillo, So-moza e Stroessner, a ajudar governantes populares e democratas como Fidel Castro. E saiba, Sr. Presidente, que os estudantes brasileiros, apesar de tudo, acreditam que essa re-formação virá.

Se Copacabana estivesse em Moscou:

300 Cruzeiros de Aluguel Por Confortável Apartamento

ORLANDO BOMFIM JR.
(Enviado especial de NOVOS RUMOS à Europa)

IMAGINE o leitor o seguinte: um operário, com salário mensal de seis mil cruzeiros, morando num confortável apartamento em Copacabana e pagando de aluguel trezentos cruzeiros. E pense também que o apartamento é entregue ao operário em caráter definitivo. Fazendo tais suposições — consideradas certamente um sonho — o leitor terá uma idéia de como se resolve no União Soviética o problema da habitação.

O arquiteto Bóris Ezdrin, na entrevista que nos concedeu em Moscou e de que já falamos em reportagem anterior, não se limitou apenas a transmitir informações sobre as proporções gigantescas do plano de construção de casas que está sendo executado. Fêz questão de frisar que no socialismo a técnica, como tudo o mais, é diretamente colocada a serviço do povo.

— Não construímos edifícios — disse — para que proprietários se enriqueçam à custa de aluguéis pagos por inquilinos. Os apartamentos são destinados aos trabalhadores, que podem morar nêles a vida inteira e pagam apenas uma quantia mensal correspondente a 4 ou 5% do seu salário. O Partido Comunista e o governo da URSS consideram um dos seus

principais deveres satisfazer integralmente às necessidades de habitação do povo.

DISTRIBUIÇÃO

Uma pergunta surge naturalmente: Como se consegue receber um apartamento?

A distribuição de moradias é dirigida pelo Soviet da cidade e a ordem de entrega é dada pelo Soviet distrital, através da seção de residências, onde os pedidos são inscritos.

O critério para a distribuição é o da maior necessidade. E o controle se faz pelos próprios nas fábricas, comissões encarregadas do assunto, delas fazendo parte um representante do diretor, um representante da organização do Partido na empresa, um representante do Sindicato e diversos representantes diretos dos operários, por eles eleitos.

CONSTRUÇÕES INDIVIDUAIS

Por outro lado, o Estado, paralelamente ao plano de construções que executa (e é o preponderante), auxilia por diversas formas a construção individual de residências. Para esse fim, dá o terreno, fornece projetos, materiais de construção e meios de transporte, instala por sua conta as redes

subterrâneas e empresta dinheiro. Os empréstimos, distribuídos por bancos, vão de 7 mil a 15 mil rublos, por um prazo de 7 a 10 anos, a uma taxa anual de juros de 2%. Nas regiões recentemente aproveita-

das, o valor do crédito se eleva a 30 mil rublos.

O quadro abaixo dá uma idéia do grande número de construções individuais na URSS, comparando-as com as construções pelo Estado:

| SUPERFÍCIE CONSTRUÍDA, EM MILHÕES DE METROS QUADRADOS | | | |
|---|------|------|------|
| | 1956 | 1957 | 1958 |
| Pelas organizações do Estado e sociedades cooperativas | 29,5 | 38,5 | 45,6 |
| Por operários e empregados, com a ajuda de crédito do Estado | 11,5 | 13,5 | 24,5 |

Como se vê, em 1958 foram construídas residências individuais, com a ajuda e o financiamento do Estado, numa superfície total de mais de 45 milhões de metros quadrados. E nos próximos anos esse tipo de construções aumentará ainda mais, porque com o Plano Setenal, maiores ainda estão sendo as verbas destinadas a esse fim.

NO CAMPO

Também é grande a ajuda do Estado para a construção de habitações pelos colcoses, pelos intelectuais que moram no campo: dá empréstimos aos colcoses para a construção de empresas de fabricação de materiais, fornece equipamentos e materiais fa-



Henriette Rodjkova, aluna do Instituto de Economia Nacional G. V. Plekhanov, recebeu num sábado, em seu apartamento, a visita de alguns colegas. Logo improvisaram uma festa, cantando e dançando durante horas.



RUDOLF PYLLU (NA FOTO COM A ESPÓSA E A FILHINHA) MOBILIOU COM GÓSTO A SALA DO SEU NOVO APARTAMENTO

NOVOS RUMOS